

**AS MULHERES NÃO SABEM FAZER NADA?  
O ANTIFEMINISMO NA IMPRENSA PORTUGUESA  
(1885-1914)<sup>1</sup>**

**DO WOMEN NOT KNOW HOW TO DO ANYTHING?  
THE ANTIFEMINISM IN THE PORTUGUESE  
PRESS (1885-1914)**

*Gabriela Mota Marques*  
Museus de Aveiro  
mgabi\_marques@hotmail.com

**Resumo:** O distanciamento entre os paradigmas e as representações social e moralmente convencionadas para as mulheres e os seus comportamentos, atitudes e atributos tidos como transgressores da norma está na origem de ideias, de (pre)conceitos e de imagens nem sempre favoráveis sobre o «ser feminino», do mesmo modo que coloca em causa os papéis de género. É esse o território propício para o antifeminismo. Ultrapassando o sentido restrito do termo que o identifica como a oposição ao feminismo e às intenções de emancipação e de reivindicação de direitos, o antifeminismo engloba, também, as interpretações, os estereótipos e as tradições enraizadas sobre a natureza imperfeita e a inferioridade femininas. A imprensa, enquanto veículo privilegiado de difusão e de formação de conceitos e de opiniões, detém, na transição do século XIX para

---

<sup>1</sup> Este texto tem na sua origem a tese de doutoramento apresentada pela autora, em 2013, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulada *Demónios aperfeiçoados. O antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914)*.

o século XX, um papel central na questão, consubstanciando os discursos oficiais dos vários pilares que estruturam a sociedade portuguesa. A ênfase é colocada no registo humorístico, escrito e gráfico, explorando os significados diretos e implícitos que o riso e o objeto risível proporcionam e avaliando as tendências no que respeita aos assuntos tratados e aos agentes desses discursos.

**Palavras-chave:** antifeminismo, mulheres, género, imprensa periódica.

**Abstract:** The gap between the socially and morally conventional paradigms and representations of women and their behaviors, attitudes and attributes perceived as transgressing the norm is at the origin of ideas, (pre)conceptions and images that are not always favorable about 'being feminine', while also questioning gender roles. This is the privileged territory for anti-feminism. Going beyond the narrow meaning of the term, which identifies it as opposition to feminism and its intentions of emancipation and claiming rights, anti-feminism also encompasses interpretations, stereotypes and deeply rooted traditions about the imperfect nature and inferiority of women. The press, as a privileged vehicle for the dissemination and formation of concepts and opinions, played a central role in the transition from the 19th to the 20th century, embodying the official discourses of the various pillars that structured Portuguese society. Emphasis is placed on the humorous register, written and graphic, exploring the direct and implicit meanings that laughter and the laughable object provide and evaluating the trends regarding the subjects treated and the agents of those discourses.

**Keywords:** anti-feminism, women, gender, press.

## Introdução

“— As mulheres não sabem fazer nada? Não arremendam a roupa dos maridos? Não talham nem cosem os vestidos dos filhos? Não vão ellas mesmas embarrelar a roupa aos lavadouros? E poucas sabem cosinhar e manter uma casa economica e limpamente?

— Bem. Em vez de se subsidiarem por ahi escolas com secções de bordados a ouro, e bujigangas, annexem-lhes officinas de labor doméstico; tirem-lhes as prendas, e ponham em seu logar estas prosaicas noções de vida pobre”.

In *Pontos nos ii*, 17.07.1890, p. 226.

Será que as mulheres não sabem mesmo fazer nada como questiona o artigo da revista *Pontos nos ii*, em 1890? A pergunta enquadra-se numa argumentação orientada no sentido de mostrar o desvio às convenções sociais e a falta de uma educação feminina devidamente orientada para cumprir a missão que lhe foi confiada de esposa, mãe e dona de casa. Se, por um lado, se lança um olhar depreciativo sobre o universo feminino e o que move os seus interesses e a sua atuação, por outro, revela-se aquele que deve ser o papel da mulher na sociedade.

A imprensa periódica, de maior acesso se comparada com o livro e com um discurso fácil, contribui, indelevelmente, para a transmissão de mensagens e para formar imagens distintas das mulheres (e dos homens), as quais ganham maior importância quando atribuídas a personalidades reconhecidas e assumem outros sentidos quando retiradas do seu contexto original.

Não constituindo as atitudes antifemininas uma novidade, a maior visibilidade feminina que se vivencia entre os finais do século XIX e início do século XX, acompanhada pela crescente difusão

de ideias, de conhecimento e dos acontecimentos proporcionada pela imprensa, projeta o assunto para um patamar diferente do habitual, o que lhe confere um maior destaque.

O caráter mediático e a linguagem jornalística da imprensa globalizam as opiniões e difundem-nas dentro de grupos mais alargados de leitores, fazendo dos assuntos que, até então, tinham uma repercussão limitada no espaço e no tempo, temas de discussão geral, para além de darem voz a realidades pouco evidenciadas, contribuindo para a criação de uma consciência do todo social. A imprensa, entre ela, a de cariz humorístico é, assim, um instrumento de veiculação de ideias e uma fonte privilegiada para estudar o antifeminismo, no sentido em que contribui para a construção dos papéis de género e das representações «que visam a manutenção do *status quo*, ou seja, a inferioridade feminina».<sup>2</sup>

## 1. As dimensões e os sentidos do antifeminismo

A investigação histórica em torno do tema do antifeminismo tem-se centrado nas questões de reação ao feminismo, deixando para segundo plano uma análise sobre a mulher, enquanto ser social e parte de uma relação de géneros construída, segundo Gisela Bock, como uma rede complexa.<sup>3</sup> Christine Bard, por exemplo, ao explicitar o conceito de antifeminismo, refere que, em sentido restrito, ele expressa a oposição aos movimentos feministas e que, num sentido mais lato, expressa a hostilidade à emancipação feminina<sup>4</sup>, evidenciando que, em causa, está sempre um desejo de

---

2 Irene VAQUINHAS, “História das mulheres e de género em Portugal: horizontes temáticos e desafios atuais”: *Faces de Eva* (2019), p. 42

3 Gisela BOCK, “História, História das Mulheres, História do Género”: *Penélope: revista de história e ciências sociais* 4 (1989), p. 170.

4 Christine BARD (coord.), *Un siècle d'antiféminisme*. Paris, Fayard, 1999, p. 22.

conquista de novos espaços e lugares da mulher na sociedade e de uma melhoria na sua condição social.

Esta perspetiva afasta o antifeminismo das manifestações de crítica sobre os comportamentos femininos associados a aspetos tão banais como o quotidiano, a moda, a aparência, a condição física e perfil intelectual, ou a capacidade de sedução e persuasão face aos homens. Quando focados, estes são utilizados, essencialmente, para reforçar o perfil psicológico feminino num contexto de emancipação e de reivindicação de poderes que refletem uma hierarquização de género.<sup>5</sup> Contudo, a mesma Christine Bard reconhece a existência de uma dualidade de sentidos do conceito, que engloba as questões de emancipação e da forma de ser femininas, o que traduz, no seu entender, dois níveis de antifeminismo: por um lado, o explícito e, por outro, o ordinário ou vulgar «qui doit sa banalité à l'ancienneté des préjugés hostiles aux femmes (voir les dictons populaires) et à son médium privilégié: l'humour, la blague, la caricature, le comique».<sup>6</sup> Para Ana Vicente, este segundo nível configura um antifeminismo passivo e secundário.<sup>7</sup>

A centralização dos discursos e da produção historiográfica acerca da mulher na condição feminina e nos combates feministas, «em detrimento da problematização das relações entre homens e mulheres no processo histórico»,<sup>8</sup> vem reforçar esta disposição para se interpretar o antifeminismo num sentido restrito. Essa tendência direciona a investigação numa ótica da *História das*

---

5 Françoise THÉBAUD, “Genre et Histoire”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 197.

6 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

7 Ana VICENTE, “Antifeminismo”, in António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.

8 Irene VAQUINHAS, “Mulheres, economia e sociedade em Portugal na segunda metade do século XIX (1850-1900)”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES, (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 230.

*Mulheres* e não tanto da *História do Gênero*, muito embora, como reconhece Françoise Thébaud, tal orientação comporte o risco de se isolar a mulher como sujeito histórico<sup>9</sup> e não entendido num universo de relações e de interações, que constroem a sua existência e definem a sua representação social. A relação homem-mulher deve, pois, constituir o cerne da questão.<sup>10</sup>

Analisar o antifeminismo é, portanto, estudar o universo das relações entre o homem e a mulher, isto é, as relações de poder,<sup>11</sup> tendo em conta que as questões da feminilidade e da masculinidade se entrecruzam com as diretrizes sociais do momento. É, assim, um estudo que se integra no campo da história do gênero, mais do que no da história das mulheres, porque o objeto de análise deve ser avaliado numa perspectiva não meramente do feminino, da sua imagem e concepção teórica, mas sim sob o ponto de vista da sua identidade e da relação com o universo masculino, considerando os padrões predefinidos da sociedade, da tradição e da mentalidade. No fundo, analisar o antifeminismo é estudar a reação a determinados comportamentos femininos por parte dos dois sexos, uma vez que as atitudes antifeministas não podem ser, apenas, imputadas ao homem. Também a mulher demonstra reações negativas para com as suas congêneres, perpetua a ordem instituída e condena os desvios à norma. Também ela é profundamente crítica face às mulheres, ainda que a expressividade desta realidade na imprensa seja, ainda, pouco evidente na transição do século XIX para o século XX.<sup>12</sup> Advém-lhe essa quota-parte de responsabilidade e de participação no antifeminismo tanto no seu papel central na estrutura familiar, como transmissora privilegiada de valores, de tradições e de regras,

---

9 F. THÉBAUD, op. cit., p. 195.

10 Michelle PERROT, *Uma história das mulheres*. Porto, Edições ASA, 2007, p. 163.

11 Laura Lee DOWNS, *Writing gender history*. London, Hodder Arnold, 2004, p. 93.

12 A maior representatividade de articulistas e jornalistas masculinos no período em questão ajuda a compreender o motivo pelo qual se atribui ao homem um papel, quase exclusivo, na crítica antifeminina

como no seu espírito reivindicativo e desejoso de mudança de paradigma.

A atitude antifeminista por partes das mulheres pressupõe, de certo modo, uma perda das próprias características femininas e uma interiorização de uma figura dominante masculina, entendida como o arquétipo de conduta e reflexo de um padrão androcêntrico de valores que corroboram as normas instituídas.

Nesta oposição e crítica ao universo feminino, tanto os homens como as mulheres têm, por isso, um papel ativo. Como refere Valerie Sanders, o/a antifeminista define-se «as a person hostile to specific items in women's rights campaigns»<sup>13</sup> e, nessa perspetiva, há que incluir todas as mulheres para quem os papéis de género tradicionalmente definidos eram consentâneos com a sua forma de vida e inquestionáveis num quadro dominante dos valores masculinos. Exemplifica-o Elisabeth Wolstenholmes Elmy (1834-1918), defensora da igualdade de ensino e do direito de voto, mas para quem a maternidade constituía «the essence of femininity» e, portanto, «the highest function of a woman».<sup>14</sup> Numa personificação mais extremista do antifeminismo no feminino, Christine Bard referencia as mulheres que expressam desconforto face às suas congéneres como «les masculinettes» ou mulheres antifeministas<sup>15</sup>, que, na sua perspetiva, se aproximam de uma vertente andrógina do ser feminino.

A oposição a determinadas atitudes femininas não vem, portanto, apenas de fora.<sup>16</sup> Aliás, as próprias feministas são um dos agentes da ação em prol ou contra as mulheres. Criticam duramente

---

13 Tamara WAGNER, *Antifeminism and the Victorian novel: rereading nineteenth-century women writers*. New York, Cambria Press, 2009, pp. 4-5.

14 Martine FARAUT, "Women resisting the vote: a case of anti-feminism": *Women's History Review* 12.4 (2003), pp. 605-621.

15 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

16 António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009, p. 24.

aquelas que conservam uma atitude passiva ou cuja existência, no seu entender, se pauta por valores secundários e futilidades, isto é, as mulheres para quem o universo se desenvolve em torno da vida social e da aparência, bem como aquelas que, assumindo-se como feministas, o fazem num sentido e com objetivos distintos, como sucede relativamente à maternidade, sobre a qual «cada militante tem a sua própria concepção».<sup>17</sup> Por este facto, como refere Christinne Bard,

(...) Plus paradoxales à première vue, des féministes expriment parfois un certain antiféminisme et même une certaine misogynie: antiféminisme, parce qu'elles peuvent critiquer les orientations du féminisme dominant de leur temps; misogynie, dans le sens où elles tiennent à se dissocier d'un genre féminin qu'elles contestent et à se distinguer de la masse des femmes victimes de leur aliénation.<sup>18</sup>

Corroboram esta noção as palavras de Florence Rochefort, para quem «les frontières ne sont, en effet, pas toujours si claires entre antiféminisme et féminisme».<sup>19</sup>

A própria discussão em torno da diferença entre sexos leva a que a misoginia seja entendida e confundida com o antifeminismo. Historiadoras, como Annelise Mauge e Christine Bard, veiculam a proeminência da misoginia como uma das imagens de referência nos finais da centúria de Oitocentos, estabelecendo, de certa forma, uma associação entre os dois conceitos, considerando que ambos refletem discursos negativos em torno das mulheres e da sua atuação. No entanto, como refere Florence Rochefort, «(...) le antiféminisme

---

17 Anne COVA, “Feminismos e maternidade entre as duas guerras em França. As ambigüidades e as divergências das feministas do passado”: *Faces de Eva* 3 (2000), p. 35.

18 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

19 Florence ROCHEFORT, “L’antiféminisme: un nouveau champ de recherche”: *Vingtième Siècle. Revue d’histoire* 57 (1998), pp. 146-147.



se nourrit souvent de misogynie mais il désigne plus explicitement l'opposition au féminisme et à toute idée d'égalité des sexes». <sup>20</sup> Na perspectiva desta autora, o antifeminismo tem um âmbito específico que corresponde às atitudes e ideias misóginas que se prendem com a contestação e oposição ao feminismo, evidenciando, uma vez mais, um entendimento do conceito no seu sentido restrito.

O termo antifeminismo pode, então, surgir associado e a par com a ideia de misoginia atribuída àqueles que não gostam das mulheres, <sup>21</sup> que menosprezam a sua forma de ser ou de agir, como sucede em relação às feministas, ou que as consideram as causadoras dos males do mundo. Mais do que a proximidade do conceito, segundo Michelle Perrot, o antifeminismo utiliza os recursos e as representações da misoginia. <sup>22</sup> Maria Bernardete Flores, por seu lado, considera que o antifeminismo se revela mais racional e articulado que a misoginia, <sup>23</sup> que mescla valores e atitudes com um maior extremismo, os quais se prendem com inseguranças relativas à desejada dominação masculina e com o desconhecido que representa o universo feminino, o qual é definido por Paula Morão como o «enigmático continente negro, inibidor e ameaçador». <sup>24</sup>

No extremo, a reação antifeminina, a par com a misoginia, entendida por Christine Bard como o ódio e desprezo das mulheres, <sup>25</sup> pode, ainda, aproximar-se da noção de medo e de uma reação patológica contra a mulher que se encontra na ginecofobia. <sup>26</sup>

---

20 F. ROCHEFORT, op. cit., p. 146.

21 C. BARD (coord.), op. cit., p. 20.

22 Michelle PERROT, *Les femmes ou les silences de L'Histoire*. Paris, Flammarion, 1998, p. 8.

23 Maria Bernardete FLORES, "O pensamento antifeminista. A querela dos sexos": *Faces de Eva* 14 (2005), p. 52.

24 Paula MORÃO, *Salomé e outros mitos. O feminino perverso em poetas portuguesas entre o Fim-de-Século e Orpheu*. Lisboa, Edições Cosmos, 2001, p. 47.

25 C. BARD (coord.), op. cit., p. 21

26 C. BARD (coord.), op. cit., p. 22. Este conceito tem correspondência, no que concerne ao universo masculino, ao conceito de androfobia que se associa ao receio

José Franco identifica-a como uma «mentalidade femininofóbica» ao referir-se à posição dos pregadores contemporâneos do Padre António Vieira, no século XVII, sobre as mulheres.<sup>27</sup>

Ainda que sejam próximos, todos estes conceitos representam manifestações distintas que devem ser bem destrinçadas, sob pena de um entendimento incorreto da sua natureza e repercussão. Geram-se, assim, diversos níveis de oposição que se traduzem, também, em formas diferentes de ação e de expressão. Da simples maledicência com contornos humorísticos e satíricos expressos por palavras e imagens, passando pelos artigos de opinião, os debates e os discursos institucionais e de impacto comportamental e cultural, várias são as facetas do antifeminismo que a imprensa espelha.

As interpretações da crítica e de perceção do universo feminino, tanto pelas atitudes como pelas características que a mulher pode assumir e que lhe são atribuídas, induzem, ainda, a uma leitura no âmbito dos estereótipos de género. Aliás, como afirma Michael Pickering, o tema «mulher», a par com outros centrados em etnias e raças, é um dos que gera estereótipos que mais perduram no tempo e sofrem mutações,<sup>28</sup> refletindo resistência, estabilidade e reprodutibilidade.<sup>29</sup>

Não obstante, há que estabelecer uma divisão entre os estereótipos de género<sup>30</sup> utilizados num sentido satírico, centrados

---

sobre os homens, um termo que, segundo Christine Bard, se deve a Maurice Duron, em 1967, aquando da difusão de uma nova vaga do feminismo.

27 José Eduardo FRANCO, “O mito da mulher em Vieira. Teologia, representação e profecia”, in Zília Osório de CASTRO e João ESTEVES (dirs.) *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 54.

28 Michael PICKERING, “The inescapably social concept of stereotyping”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, p. 22.

29 Luís Machado de ABREU, “Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 71.

30 Fátima Rezende MATIAS, “Estereótipos de género no imaginário infantil: a escolha de profissão”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 119.

nos traços de género e reproduzidos em forma de pequenos textos e imagens expressivas de representações sociais, e os que são instrumento de discursos institucionais e normativos, como os que são veiculados pela Igreja e pela Ciência e que funcionam como fortes instrumentos ideológicos.<sup>31</sup> Estes últimos inscrevem-se no âmbito dos estereótipos de papéis de género, uma vez que assentam nas funções e missões atribuídas aos homens e às mulheres na sociedade.<sup>32</sup> No fundo, estes estereótipos de papéis de género coincidem com as normas e os modelos aceites e instituídos.

O grande poder do estereótipo reside no facto de transformar uma ideia ou um conceito, baseados num saber simplista e empírico, numa força que pode acabar por consubstanciar ou por originar alterações políticas e ideológicas<sup>33</sup> resultantes da sua aceção como «crença excessiva»<sup>34</sup> e como fruto da necessidade de ordem e de controlo social.<sup>35</sup> Esta necessidade de ordem e de controlo que se associa à difusão dos estereótipos explicará a multiplicação do seu uso em momentos de crise e de mudanças profundas.<sup>36</sup> É esse, precisamente, o ambiente vivenciado na transição do século XIX para o século XX e que permite compreender melhor as atitudes e as manifestações antifeministas que se registam.

O desenvolvimento da ciência e a crença desmedida na perfeição e numa verdade absoluta com fundamento positivista, que se vive na época, junta-se a este leque de fatores, gerando um contexto de análise privilegiado. Acresce-lhe um paulatino sentido de patriotismo e de nacionalismo associados a um ambiente belicista,

---

31 M. PICKERING, op. cit., pp. 22-23.

32 F. R. MATIAS, op. cit., p. 119.

33 M. PICKERING, op. cit., p. 23.

34 L. M. ABREU, “Os estereótipos na prática discursiva...”, op. cit., p. 72.

35 M. PICKERING, op. cit., p. 23.

36 Christine VOGEL, “Des Stéréotypes religieux à la pensée conspirationniste – l'exemple des jésuites”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 51.

que recrudescer até ao eclodir da Grande Guerra, o que contribuiu para reafirmar a figura e o género masculinos como a referência.<sup>37</sup> Este reforço da masculinidade é entendido como a reacção a uma ameaça real que se traduz na visibilidade crescente do ser feminino e que leva Annelise Maugue a abordar a questão no sentido da «nova Eva e o velho Adão».<sup>38</sup> A este contexto, não é alheia a difusão da leitura, fruto da maior literacia da população<sup>39</sup> e da disseminação dos títulos de imprensa e das obras impressas.<sup>40</sup>

## 2. 1885-1914 — Trinta anos de ideias antifeministas na imprensa: metodologia e linhas de investigação

O século XIX é «indiscutivelmente o “século dos periódicos”»,<sup>41</sup> motivo que se deve à proliferação de títulos, dispersos entre os grandes centros urbanos e as localidades de província.<sup>42</sup>

---

37 Paul PASTEUR, “Le sémur, la semence et le fidèle combattant de l’avenir ou la masculinité dans la social-démocratie autrichienne (1888-1934)”: *Le Mouvement Social* 198 (2000), p. 38.

38 Annelise MAUGUE, “A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise”, in George DUBY e Michelle PERROT (dir.), *História das mulheres: o século XIX*, vol. 4. Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp. 581-601.

39 Tendo em conta a estrutura social definida e apesar da crescente escolaridade feminina, o seu conhecimento funcionava como complemento da autoridade intelectual masculina do qual as mulheres eram colaboradoras. In Anne EPSTEIN, “Gender and the rise of the female expert during the Belle Époque”: *Histoire@Politique. Politique, culture, société* 14 (2011), pp. 84-96.

40 Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual”, in José MATTOSO (dir.) e Rui RAMOS (coord.), *História de Portugal. A Segunda Fundação*, vol. 6. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 43.

41 Luís Reis TORGAL e Isabel VARGUES, “Produção e reprodução cultural”, in José MATTOSO (dir.), Luís Reis TORGAL e João ROQUE (coords.), *História de Portugal, O Liberalismo*, vol. 5. Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 685-696.

42 Apesar de existirem títulos editados anteriormente, entre os quais alguns destinados especificamente à mulher, como a *Gazeta das damas*, de 1822, a imprensa periódica ganha maior projecção na segunda metade do século XIX, incluindo nos meios rurais, o que, segundo Irene Vaquinhas, se compreende num «processo de modernização da sociedade portuguesa». In Irene VAQUINHAS, *Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo. As mulheres portuguesas sob o olhar da História (séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 85. Rui Ramos reforça esta noção ao referenciar o crescente número de jornais e revistas, contabilizando cerca de 416 títulos, em 1900, e 543 títulos, em 1910. Entre estes, cerca de 42%

A liberdade de imprensa proporcionada pelo Liberalismo, a par com o desenvolvimento técnico e tecnológico da era industrial, que permite a reprodução dos jornais e revistas com maior qualidade, em maior número e que mais rapidamente chegam a um público alargado, são dois grandes fatores impulsionadores dessa realidade. Apesar de apresentar valores ainda bastante limitados, no início do século XX,<sup>43</sup> refere-se, também, a paulatina escolaridade da população, que garante o progressivo número de leitores e de recetores da informação. Concomitantemente, assiste-se ao desenvolvimento de uma cultura de matriz urbana, mais informada. Por estes factos, Rui Ramos designa a imprensa como «o quinto poder do estado»,<sup>44</sup> considerando o seu papel relevante na circulação e na veiculação de ideias, que tanto consolidam a norma e os preceitos estabelecidos, como promovem as mutações sociais.

Neste contexto, um tema com um forte cunho e impacto social como é o do antifeminismo e das ideias antifemininas repercute-se nos atos e nos registos da atuação da sociedade que a imprensa faz transparecer nas suas páginas. Como refere Marie-Ève Thérénty, a imprensa faz circular as representações dos géneros e, simultaneamente, contribui para a construção da diferença entre estes,<sup>45</sup> motivo que reforça a sua relevância no estudo do antifeminismo.

---

das edições encontrava-se em Lisboa e Porto. In Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual...”, op. cit., p. 48.

<sup>43</sup> Os índices de literacia, ainda que crescentes, concentram-se nos centros urbanos e associam-se à burguesia. Não obstante, como refere Rui Cascão, em 1878, a percentagem de iletrados ascendia a, aproximadamente, 80% da população, percentagem que pouco se altera nos alvares do século XX. Veja-se Rui CASCÃO, “O quadro doméstico: «em família». Em casa. O quotidiano familiar”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, *Temas e debates | Círculo de Leitores*, 2011, p. 228.

<sup>44</sup> Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual...”, op. cit., p. 52.

<sup>45</sup> Marie-Ève THÉRENTY, “Pour une histoire genrée des médias”: *Pathologies sociales de la communication* 15 (2009), pp. 247-249.

Perante um elevado número de títulos disponíveis, a primeira questão passou pela seleção dos exemplares a consultar. A opção recaiu sobre os periódicos cuja filosofia se prende com assuntos de cariz social, bem como os de natureza científica e, ainda, os de carácter político, uma vez que em todos se abordam o tema da mulher e das questões em torno do género feminino. Acrescenta-se a este cenário a imprensa feminina cujos assuntos projetam as próprias imagens das mulheres. Deste modo, procurou-se que a panóplia de títulos de imprensa representasse os diferentes discursos que moldam a sociedade desde o limiar do século XIX ao século XX. À imprensa de cunho «sério» associaram-se os periódicos humorísticos, cuja natureza e forma de abordar os temas femininos constituíram parte relevante da investigação, mostrando a importância do riso como instrumento de difusão e de controlo social e, na perspetiva de Bourdieu, como expressão de uma violência simbólica.<sup>46</sup>

Atendendo a esta aceção, o universo de artigos consultados, num total de 1154, divide-se entre os de cariz humorístico e as notícias, os comentários, os artigos de opinião e as narrativas. Entre os registos satíricos encontram-se escritos e caricaturas num total de 582 artigos. As notícias, artigos de opinião e narrativas representam 522 registos.

De salientar que os artigos tratados numa perspetiva humorística não provêm, unicamente, das publicações com uma natureza editorial satírica, encontrando-se, também, referências nos periódicos de cariz social, feminino, político ou artístico. Da mesma forma, as publicações humorísticas abordam nas suas páginas assuntos da feminilidade num discurso que tem na sua origem as preocupações com a condição feminina. Por esse facto, o maior volume de artigos analisados resulta destas publicações, as quais contabilizam cerca de 635 artigos.

---

<sup>46</sup> Irene VAQUINHAS, “História das mulheres...”, op. cit., p. 42.

Em segundo lugar, surge a imprensa de cariz social com 223 artigos e, em terceiro, os periódicos de cunho político com 141 artigos. A imprensa feminina ocupa a posição seguinte com cerca de 77 artigos, após a qual surgem os periódicos de ciência e arte com 52 artigos e, por fim, as publicações de índole religiosa com 26 artigos.

Com o intuito de aferir melhor a representatividade dos assuntos e de avaliar a sua expressão ao longo das três décadas, a informação foi agrupada em períodos de cinco anos permitindo, desta forma, verificar a persistência ou a mutação das temáticas abordadas e dos assuntos que, em cada momento, despertam maior interesse à imprensa. Uma análise quinquenal permite, também, criar maior equilíbrio entre o volume de informação recolhida e a coerência de análise, uma vez que a quantidade de artigos, por ano, é bastante distinta.

Paralelamente à estruturação da imprensa em áreas temáticas, de acordo com os seus conteúdos e a filosofia das publicações, procedeu-se a uma organização dos assuntos quanto à sua natureza, dando origem a quatro grupos: assuntos sobre a condição e vida feminina, humorismo, caricatura e vida masculina.

A diversidade e a riqueza dos conteúdos dos artigos consultados conduziram, ainda, à sua estruturação de acordo com o assunto abordado. Assim, para além da sua ordenação quanto à natureza das publicações e às formas de expressão da sua crítica ao universo da feminilidade, estabeleceu-se um conjunto de parâmetros que permitem representar as diferentes vertentes dessa mesma crítica e aos quais se associam termos e adjetivos caracterizadores da mulher, tendo por elemento de comparação o modelo do ideal feminino:<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> No cômputo geral, todas as facetas criticáveis têm na sua essência e como referência a imagem da mulher ideal, que deve ser meiga e inocente, recatada e

**Atitude e comportamento** — Contrariamente à imagem da mulher desejável e de comportamento exemplar, a maioria do gênero feminino revela-se muito diferente nas suas atitudes e comportamentos, gerando motivos para ser criticada e apontada como forma de alerta e, simultaneamente, como estratégia para garantir a manutenção da ordem social. Entre os adjetivos que consubstanciam esta realidade destacam-se: ambiciosa, atrevida, controladora, destemida, emancipada, fútil, infiel e imoral, insubmissa, má e pérfida, materialista, calculista e interesseira, pretensiosa, provocadora, sedutora, teimosa, marimacho e virago.

**Atributos psicológicos e qualidades morais** — Os princípios que definem e condicionam o ser e a atuação feminina expressam a sua essência frágil e imperfeita. Neste sentido, são realçados os adjetivos utilizados para caracterizar a forma de ser feminina e a sua personalidade, bem como para identificar a ausência de princípios e os desvios registados, dando corpo a atitudes reprimíveis e reprováveis na mulher: dissimulada, emotiva e sensorial, de fraca inteligência e inocente, fútil, maquiavélica e má, pretensiosa, teimosa ou sábia.

**Atributos físicos e aparência** — O corpo feminino é um dos motivos principais da crítica. O determinismo biológico estabelece, por um lado, a sua natureza imperfeita e, por outro, concede à mulher uma arma que ela usa para conquistar os seus objetivos. Assim se compreende o interesse e o investimento feito na aparência para seduzir o marido ideal e rivalizar com as suas congéneres, levando aos exageros. O elevado número de artigos sobre a temática, correspondendo a 15,68% do total dos artigos consultados, traduz essa preocupação feminina com a constituição física (magra, gorda,

---

atenciosa, delicada e prendada, com elevado espírito maternal e intensamente devotada à família, para além de submissa ao esposo ou pai.



tísica, alta, baixa, robusta e frágil), a idade (nova e velha) e os pormenores do corpo (cabelos, boca, rosto, cores da face, nádegas).

**Funções e trabalho feminino** — As funções inerentes à mulher como dona de casa, esposa e mãe, com um papel importante na educação e formação dos filhos, são as primeiras a desencadear reações e críticas quando não são cumpridas de acordo com as normas estabelecidas. No entanto, além destas, é crescente a referência a outras funções que associam a mulher a novos papéis e que pressupõem uma vida fora da esfera privada e doméstica. Se no campo e nos grupos sociais menos favorecidos é natural a mulher trabalhar como mão-de-obra que contribui para o rendimento familiar, no espaço urbano e burguês, o aparecimento de médicas, de advogadas e de professoras desencadeia comentários e contestação. As religiosas são um outro alvo privilegiado de comentário, tendo em conta o ambiente anticlerical que marca o início do século XX.

As funções e profissões femininas que merecem um maior interesse da imprensa e que são motivo dos comentários são: artista (artes de palco e artes plásticas), camponesa, criada de servir e dona de casa, beata e burguesa, bombeira, médica e advogada.

**Feminismo e emancipação feminina** — O crescimento do movimento feminista português, na primeira década de 1900, apoiado pela difusão das ideias republicanas, vem dar maior expressão à crítica dirigida às suas seguidoras e ativistas, como Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório ou Carolina Beatriz Ângelo. Porém, ainda que os exemplos principais da crítica feita aos desejos de igualdade de oportunidades e da promoção da instrução feminina se concentrem nos inícios de Novecentos, as ideias de emancipação feminina surgem, pontualmente, já na década de 1890.

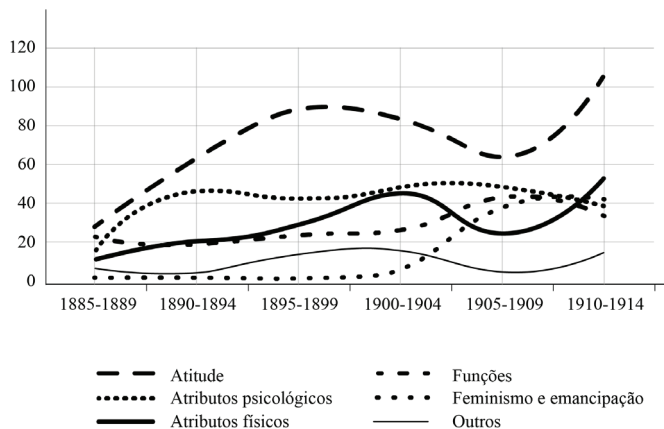
Os comentários que se prendem com esta temática concentram-se nos receios perante as atitudes assumidas pelas

mulheres, entendidas como transgressoras e de afronta à ordem social. Em causa estão assuntos como o ativismo político, a educação feminina, a emancipação, a reivindicação da igualdade de direitos e a insubmissão, a que se associa o receio da inversão de papéis e, em última instância, o temor da masculinização feminina, ou seja, do universo das mulheres-homem, das virago, e o surgimento de um terceiro sexo, andrógino.

**Outros** — As formas de diversão e de lazer constituem meios importantes para criticar atitudes e comportamentos femininos. Lugares, hábitos sociais, tendências da moda, questões políticas e de índole religiosa que se refletem na mulher e que não correspondem aos anteriores parâmetros são integradas neste item.

Em termos globais, a evolução dos assuntos femininos, segundo os parâmetros de análise, traduz-se no seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Evolução e expressividade dos parâmetros de artigos de imprensa sobre o género feminino (1885-1914)



Fonte | Imprensa portuguesa (1885-1914)

### 3. Os temas femininos na imprensa portuguesa

A crescente literacia feminina e o desejo de adequar os discursos e assuntos às verdadeiras necessidades e interesses femininos justificam a divulgação de jornais e de revistas centrados na mulher. O facto de contar com diretoras e articulistas dá-lhe um cunho mais aceitável e credível para a leitora, que se revê nas palavras e nas ideias que se veiculam.<sup>48</sup> Como refere Maria Alice Guimarães, «os conteúdos dominantes vão, em princípio, ao encontro dos interesses das mulheres, o que, desde logo, distingue esta imprensa das suas congéneres».<sup>49</sup>

O jornalismo feminino, como afirma Irene Vaquinhas, revelou «um desenvolvimento significativo a partir de 1850, não obstante restringir-se a temáticas femininas e feministas»,<sup>50</sup> uma vez que «escrever num jornal era identificado como um ato transgressor, viril, e uma usurpação de uma atividade exercida, desde tempos longínquos, pelos homens, dado o poder da palavra pública ser considerado uma prerrogativa masculina».<sup>51</sup> Essa condição levava muitas das jornalistas a optar por um pseudónimo ou a assinar os seus artigos com uma inicial ou um anagrama, de forma a dissimular a sua identificação.

Ainda que possam ser distintas as filosofias editoriais da imprensa feminina que contribuam para a afirmação de novas funções e papéis

---

48 Seguindo a perspetiva de Maria Alice Guimarães, a imprensa feminina é «toda a imprensa que se publica com regularidade (mensal, semanal...) e que é, predominantemente escrita por mulheres, sendo também estas o seu principal destinatário.», in Maria Alice Pinto GUIMARÃES, *Saberes, modas e pó de arroz*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 10.

49 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 10.

50 Como refere Irene Vaquinhas, os costumes e as normas sociais impediam as mulheres de seguir a área do jornalismo de reportagem ou «de rua», «sob pena de caírem no ridículo ou de serem conotadas com o mundo da prostituição», in I. VAQUINHAS, «Mulheres, economia e sociedade...», op. cit., p. 226.

51 I. VAQUINHAS, «Mulheres, economia e sociedade...», op. cit., p. 227.

da mulher ou que se identifiquem como uma «imprensa militante»,<sup>52</sup> como sucede em *A Mulher livre* (1912) e *Alma Feminina* (1907-1908), é constante o realce dado à missão maternal e doméstica, sendo frequentes os artigos sobre economia doméstica, a educação dos filhos e o modo de se relacionar com o esposo. Desta realidade são exemplos os periódicos *Jornal das Damas* (1894), o *Jornal das Senhoras* (1896) e o *Jornal da Mulher* (1910).

Muito embora grande parte da imprensa feminina (e da imprensa no geral), possa ser apolítica, e não militante, ela não poderá ser considerada «não-ideológica», uma vez que transmite sempre uma mensagem que representa «uma ideologia ou melhor, um sistema de ideias/opiniões que tem na base um determinado sistema de valores e que, em última instância, pretende determinar, ou pelo menos influenciar, as atitudes e comportamentos dos leitores».<sup>53</sup>

No período finissecular, a função influenciadora da imprensa feminina, para além de veicular comportamentos apropriados à mulher ou de defender os seus direitos, como sucede nas publicações com um cunho feminista, procura desmistificar algumas imagens que se difundem sobre a mulher e que a entendem como um ser que se viriliza e age de forma contranatura, num sinal da decadência dos tempos modernos, passando «d'une féminité sur la défensive à une féminité plus affirmative».<sup>54</sup>

A imprensa de cariz social, vocacionada para dar a conhecer os assuntos que lideram o momento em termos sociais, aborda os temas femininos, em grande parte, a partir dos conselhos de beleza, dos apontamentos da vida social e elegante e das tendências da moda. São comuns, também, as respostas a solicitações das leitoras

---

52 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 11.

53 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 13.

54 Pinson citado por M-E. THÉRENTY, “Pour une histoire ...”, op. cit., p. 251.

que procuram conselhos sentimentais e de cuidados estéticos. Não obstante, é frequente encontrar nas suas páginas artigos que reforçam a missão feminina votada ao lar e à família ou que revelam a faceta artística de algumas personalidades e que questionam as novas funções femininas, bem como a sua educação. Congregando uma tão grande diversidade de assuntos, a imprensa de cariz social contribui para potenciar os diferentes papéis femininos.<sup>55</sup> A revista *Ilustração Portuguesa* é um desses exemplos, reunindo artigos sobre diferentes vertentes femininas que abordam tanto assuntos relacionados com as criadas de servir, como com a postura das meninas<sup>56</sup> ou a nova profissão de telefonista.

Juntamente com as notícias sobre a vida feminina, também os folhetins e os contos exploram o universo das mulheres, funcionando como instrumentos de consolidação das normas sociais. Deste modo, reiterando os comportamentos aceitáveis, refutam-se aqueles que são julgados inapropriados e vistos como fugas à norma e que revelam uma conduta feminina distinta da socialmente instituída.

A imprensa científica e artística tem subjacente um cariz especializado e como objetivo primeiro a divulgação da ciência e de conhecimento ou dos movimentos artísticos. Todavia, através dos seus artigos é possível avaliar discursos inerentes às condutas sociais e aos papéis de género. A crescente importância da ciência na definição de normas sociais e no entendimento da própria organização social transparece em artigos que tratam questões de saúde e de bem-estar e que se prendem com a higiene entendida como um problema e uma causa pública e social. Reflete, ainda, a crescente relevância que o discurso dos cientistas, em particular dos médicos, detém na orientação da sociedade e no seu paulatino melhoramento e progresso, corroborando as diretrizes político-sociais. Nos finais

---

55 M-E. THÉRENTY, "Pour une histoire ...", op. cit., p. 253.

56 *Ilustração Portuguesa*, 10.12.1906, pp. 578-580.

do século XIX, a ciência procura ocupar o lugar que, até à data, pertencera à religião, ditando, segundo pressupostos positivistas, os comportamentos socialmente aceitáveis e os que são reprováveis e contribuindo para a crescente laicização do pensamento e das atitudes.

No que concerne às questões femininas na imprensa científica, assiste-se a um crescente número de artigos sobre cuidados puerperais e de saúde feminina. A mesma tendência se verifica no número de teses apresentadas, anualmente, à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e às escolas médico-cirúrgicas de Lisboa e do Porto, que têm como tema a mulher, em particular as dissertações associadas à maternidade e sobre as patologias ginecológicas resultantes dos comportamentos íntimos femininos.

Os artigos sobre arte são, também, um bom indicador sobre a perceção do lugar da mulher enquanto artista e criativa. Se a referência e o reconhecimento da qualidade artística feminina associada às artes de palco são um dado adquirido, realçando-se a grandeza de atrizes, dançarinas e instrumentistas, no que concerne à criação artística feminina, a situação é diferente.

A perceção da mulher como um ser reprodutor, tendo na origem a matriz biológica feminina, dificulta a sua identificação como produtora de arte com verdadeira qualidade técnica. O ato criador é um atributo masculino, pelo que à mulher se reserva a possibilidade de imitar, mas sem conseguir atingir a genialidade e a criatividade da verdadeira produção artística. São inúmeros os artigos sobre os trabalhos de senhoras em exposições, contudo, descritos como menores, como o resultado de uma atividade lúdica e como uma *prenda* feminina que se aprende no ateliê de um mestre afamado. Além dessa constatação, também as temáticas abordadas nas obras de arte produzidas pela mão das mulheres diferem das masculinas, centrando-se nas representações de temas florais e de ambientes domésticos (pintura de género), num reflexo daquela que é a existência feminina e o seu círculo de movimentação.

A imprensa com um cunho religioso transmite os princípios morais que conduzem à manutenção das normas e à harmonia social de acordo com os dogmas da Igreja, enquanto procura impedir que o domínio da razão invada e se sobreponha ao da revelação.<sup>57</sup> Por isso, os seus artigos apresentam um discurso com intuito moralizador e de reforço da ordem instituída, insistindo-se no papel de mãe e de esposa, que tem na Virgem Maria o arquétipo das qualidades morais da feminilidade.

Os exemplos edificantes e a recriminação dos comportamentos e das ideias que não são adequados à mulher constituem parte importante do discurso. No fundo, a Igreja procura reforçar o seu papel na definição da conduta social, revelando, em simultâneo, que o ser humano é predisposto a deixar-se tentar, pelo que a ação clerical funciona como um alerta para as consequências nefastas dos atos impróprios. Os artigos sobre a vida familiar e a educação dos filhos revelam os receios de fuga e provam, de certo modo, a crescente laicização das atitudes e dos comportamentos da sociedade.

O facto de a Igreja, no período em análise, ser um dos alvos privilegiados de crítica por vários setores da sociedade (de cariz republicano e anárquico, em especial) coloca-a numa posição difícil e exige maior vigor na sua atuação. Deste modo, reconhecendo na mulher a sua fiel seguidora e consciente de que ela é a grande educadora e formadora das gerações seguintes, além de conselheira do esposo, a Igreja procura exaltar as suas qualidades como forma de garantir o seu apoio e de reforçar a sua ação missionária no seio familiar e na própria sociedade laica.

---

57 Manuel Augusto RODRIGUES, “Prefácio”, in Jorge SEABRA, António Rafael AMARO e João Avelãs NUNES, *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*. Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 12-13.

Com uma forte atuação sobre a sociedade e com o intuito de consolidar ideais surge a imprensa de conteúdo político e ideológico. A conturbada situação política portuguesa, fomentada pelo constante digladiar entre monárquicos e republicanos, bem como pela disputa interpartidária, e os constantes escândalos e problemas financeiros nacionais alimentam um grande número de títulos que exploram as decisões governamentais internas e os factos e as repercussões da política externa sobre Portugal. É nesta imprensa especializada em questões económicas e políticas que se encontram registos quanto às mudanças de funções e dos papéis femininos. Mais do que o acesso à instrução, abordam-se as reivindicações femininas e o desempenho de novas profissões. Em regra, ainda que alguns títulos apontem no sentido de apoiar os novos papéis femininos, a imprensa especializada continua a veicular a missão doméstica e maternal da mulher como a sua primeira incumbência e forma de realização pessoal e na sociedade.

### **3.1. O poder da imprensa humorística**

A imprensa com cariz humorístico desempenha o importante papel de perscrutar a sociedade, abordando os assuntos que estão em destaque num determinado momento. Em tom jocoso, ou até de ironia, são divulgados temas sensíveis e focam-se personalidades, instituições e tipos sociais, revelando as suas fragilidades e contestando as suas formas de agir e as consequências dos seus atos. O poder da imprensa humorística é, deste modo, de grande relevância na sociedade pela sua capacidade de fazer rir e, por outro lado, de irritar e de espicaçar, desencadeando respostas. É o jogo entre o rir do outro e a capacidade de rir de si.



No período entre 1885 e 1914, o número de títulos de imprensa humorística é considerável,<sup>58</sup> centrando o seu discurso nos temas políticos, por um lado, e nas questões sociais e de mundanismo, por outro. Não obstante, verifica-se que a vigência de alguns desses títulos é efêmera, resumindo-se a poucas edições (menos de dez números) e nem sempre com uma periodicidade regular. Além disso, é frequente encontrar os mesmos articulistas, e sobretudo os caricaturistas, a colaborar e a publicar, simultaneamente, em vários periódicos. Exemplifica-o o caricaturista Joaquim Guerreiro (1886-1941) que, em 1911, publica em *A Sátira*, da qual foi diretor, e em *A Garra* (1911). Aliás, os caricaturistas constituem um grupo que detém um crescente poder social, fazendo chegar a sua mensagem de um modo que vai do subtil e alegre ao corrosivo e irónico e que funciona como aviso para assuntos estruturais, tornando-se numa voz ativa da contestação.

Apesar da tendência para as questões políticas de parte da imprensa humorística, é possível encontrar, entre os seus artigos, referências ao universo feminino e às transformações nos papéis de género. As atitudes, os atributos psicológicos femininos e as funções desempenhadas pela mulher são as principais questões abordadas nestes jornais. Porém, há que considerar que, não sendo a mulher um tema central dos jornais políticos, ela marca uma presença constante na caricatura enquanto símbolo e por analogia a conceitos como a *república* e a *monarquia*, a *justiça* e a *pátria*, as *finanças* e a *dívida pública* ou a *igreja*. Os atributos físicos e até as atitudes femininas são um recurso apropriado para representar, por exemplo, a decadência do regime monárquico, visível numa velha enrugada e seca, ou opulenta e

---

58 Como refere Michel Winock, a Belle Époque é também «la grande période des humoristes», in Michel WINOCK, *La Belle Époque: la France de 1900 à 1914*. (S.l.), Perrin, 2003, p. 311.

obesa, por oposição ao vigor de uma república incarnada numa jovem, em regra, de peitos fartos e formas generosas.

Face à riqueza da informação contida na imprensa humorística, em especial pelo facto de conciliar mensagem escrita com a mensagem gráfica, esta assume um papel central da abordagem do antifeminismo e das atitudes antifemininas. Contudo, uma interpretação dos assuntos femininos numa perspetiva do riso e da sátira não se restringe à imprensa humorística, antes se estende às restantes tipologias de jornais e revistas. Assuntos como a educação e o casamento, ou a maternidade, o adultério e a saúde ressaltam, em jeito de crítica, das pequenas citações proferidas por figuras conhecidas, das piadas, das anedotas e das caricaturas, tal como surgem nos artigos de fundo, nos contos, nas crónicas e folhetins, fazendo da mulher uma personagem constante na imprensa. Aliás, mesmo quando os intervenientes nas narrativas são homens, o assunto anda frequentemente em torno do género feminino. A exceção vai para os temas da política e de determinados problemas sociais, como o alcoolismo, o jogo e o crime, ou sobre o mundo dos negócios e das fraudes comerciais e financeiras, os quais se centram na atuação do género masculino, sobre as «pestes» do homem.<sup>59</sup>

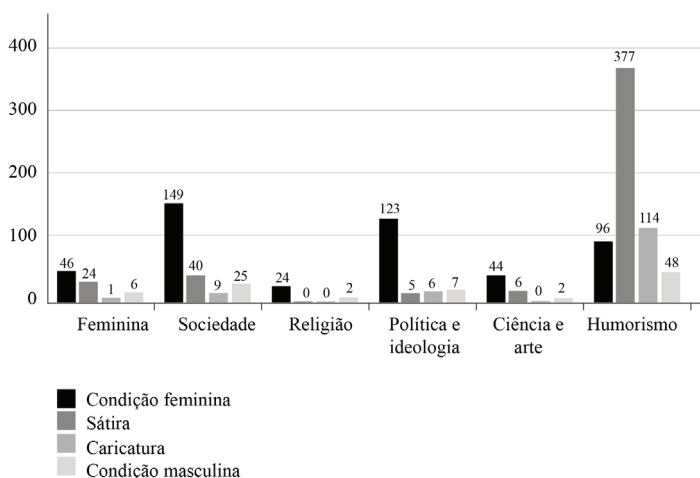
#### **4. A representatividade e a expressão do antifeminismo na imprensa portuguesa: alguns exemplos**

A aferição das manifestações antifemininas na imprensa, tendo como referência as diferentes fontes consultadas, resulta, como é visível no gráfico seguinte, numa preponderância dos artigos provenientes das publicações humorísticas ou cujos conteúdos femininos são abordados numa perspetiva satírica.

---

<sup>59</sup> *A Carantonba*, 26.08.1899, p. 4, e 02.09.1899, p. 4.

Gráfico 2 - Artigos de imprensa por tipologia de assunto



Fonte | Imprensa portuguesa (1885-1914)

A leitura do gráfico permite verificar que a imprensa com cariz religioso concentra as suas abordagens dos temas femininos e da relação entre os géneros num discurso moralizador, não tendo sido identificados artigos de conteúdo humorístico. Nos periódicos *O Amigo da religião* (1907-1908), *Mensageiro de Maria* (1907-1909) e *Leituras Christãs* (1914), por exemplo, os assuntos remetem para os comportamentos desejáveis e para a condenação dos desvios, vistos como problemas a evitar, com o intuito de perpetuar a coesão e a força da estrutura familiar.

A promulgação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, e as seguintes manifestações religiosas, como a realização de congressos internacionais, bem como a divulgação de celebrações marianas, na segunda metade do século XIX, reforçaram esta tendência para utilizar a figura da Virgem Maria como o paradigma feminino e familiar.<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Segundo Alberto Pimentel, a devoção do mês de Maria torna-se conhecida no século XIX «quando a Igreja a indulgenciou», após a definição do Dogma da

A imprensa religiosa, a de cariz científico e a vocacionada para as artes, revelam um maior interesse pela mulher em artigos de opinião e de divulgação científica, como forma para justificar a sua subalternidade e inferioridade face ao homem. Através do pressuposto biológico define-se o lugar de cada género na sociedade e estabelecem-se as suas capacidades e limitações. Esta ideia da diferença e da inferioridade feminina face ao homem resultante do determinismo biológico está bem vincada na sociedade, como o demonstra o conjunto de respostas dadas ao plebiscito lançado pelo Jornal *A Chacota* sobre «— Qual a diferença que há, / Entre o homem e a mulher?». <sup>61</sup> Segundo os nove leitores que responderam ao desafio, a distinção resume-se à diferença entre os órgãos sexuais feminino e masculino, não sendo feita qualquer alusão às qualidades intelectuais de cada um dos géneros. <sup>62</sup>

No que concerne à imprensa de cariz político e ideológico, em especial no que se refere à realidade da vida feminina, o elevado número de informação é explicado pela série de artigos de opinião publicados no jornal *Povo de Aveiro*, entre 1908 e 1909. Versam esses artigos sobre a questão da educação feminina e do desenvolvimento do feminismo em Portugal, num reflexo do que sucede no estrangeiro. A educação feminina e o crescente desenvolvimento das ideias e dos movimentos feministas, temas pouco expressivos até à entrada do século XX, tornam-se frequentes nos finais da década de 1900, o que se ficará a dever à criação da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesa*, em 1909, e à ação de grupos femininos em prol da implantação de um regime republicano.

---

Imaculada Conceição (1854). In Alberto PIMENTEL, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Guimarães, Libanio & C.ia, 1900, pp. 364-368.

<sup>61</sup> *A Chacota*, 10.05.1900, p. 2.

<sup>62</sup> *A Chacota*, 10.05.1900, p. 2.

Na globalidade, o cruzamento entre os artigos de imprensa, independentemente da sua natureza e da abordagem seguida, mostra um discurso tendente à consolidação dos papéis de género vigentes. As tipologias de artigos assentes na condição e vida femininas e no humorismo consubstanciam este *status quo*.

#### **4.1. As tipologias de artigos sobre o antifeminismo**

Ainda que a imprensa humorística seja um elemento central na análise, revelou-se fundamental conciliá-la com a informação que resulta de artigos que comentam as questões femininas com seriedade ou revelando um sentido de dever com vista à manutenção da ordem social e à denúncia dos desvios. Esta articulação de perspetivas permite verificar se os assuntos abordados nestes diferentes textos são coincidentes ou se se regista uma distinção face às temáticas satirizadas.

##### **4.1.1. Assuntos sobre a condição e vida femininas**

Os artigos sobre a condição e vida femininas são, na sua grande parte, provenientes da imprensa feminina, social, de cariz religioso, político e científico. Contudo, é possível encontrar alguns artigos com um cunho «sério» nos periódicos humorísticos, que revelam uma profunda noção de responsabilidade na discussão dos temas. Questões como a educação, o trabalho e as funções femininas integram-se nesta vertente. A revista *Pontos nos ii* exemplifica-o no artigo “Lisboa Pórca”, que comenta a proliferação de uma epidemia de cólera na cidade, que se fica a dever à falta de higiene e aos poucos conhecimentos femininos para cuidar da família.<sup>63</sup> No fundo, o artigo faz uma crítica profunda à educação burguesa, que não

---

<sup>63</sup> “Lisboa Pórca”: *Pontos nos ii*, 17.07.1890, p. 226.

prepara a mulher para a vida doméstica, e mostra como a higiene privada influi na salubridade pública e na higiene social.

No cômputo global, os artigos que detêm a supremacia na abordagem da condição feminina são os oriundos das revistas dedicadas a assuntos sociais, representando cerca de 482 artigos. O seu âmbito editorial alargado, no que respeita aos temas e à possibilidade de chegar a um público generalizado, no qual se inclui a mulher como leitora, transforma estes periódicos de assuntos sociais em veículos privilegiados para comentar situações e transmitir conceitos acerca do socialmente aceitável ou reprovável. A pretensão de conquistar a mulher como público-alvo explicará, ainda, o interesse em apresentar artigos em que ela é a protagonista e com os quais se poderá identificar.

No período entre 1905 e 1909 é notória uma grande expressão dos artigos em periódicos de índole política e ideológica (72 artigos correspondendo a 52,94% do total desse quinquénio), coincidindo com os momentos de afirmação dos movimentos feministas em Portugal, os quais despertam o interesse pelas questões da condição feminina e levam a repensar a missão e o lugar da mulher na sociedade. As propostas republicanas que defendem uma participação mais ativa da mulher e a necessidade de uma instrução melhorada da mesma, de modo a prepará-la para as modernas exigências da vida e da família, contribuem para o interesse manifestado e refletem-se no número de artigos publicados. Este é o quinquénio em que se regista um maior número de artigos sobre o feminismo, cujo conceito é ainda novo para a maioria da população e a necessitar de explicação e de interiorização.

A distribuição dos artigos por períodos de cinco anos revela um maior volume de informação a partir de 1900, correspondendo a 322 artigos, com uma preponderância das questões em torno das atitudes femininas, registando-se, em particular, crítica e condenação de aspetos que contrariam a sua imagem ideal e

o seu comportamento recatado e votado ao lar. Além disso, os discursos são, maioritariamente, construídos num contexto de relação entre homem e mulher e de definição dos papéis de género, ou seja, os elementos fundamentais de debate são o casamento e os relacionamentos amorosos, bem como a infidelidade feminina. A revista *Risos Lisos* no artigo “Mulheres e romances” refere-se aos namoros, criticando as meninas que se deixam levar pelos «romancelhos, ôcos de ideal, sem gramática, com sentimentalismo usual, de olheiras, descrente, que falla em morrer de amor, por uma mórbida de fanicos (...)», pensando que é assim a vida real, o que motiva o desregramento familiar e social. Segundo o autor do artigo, Mário Grave, o romance deveria educar em vez de criar imagens irreais e deturpadas da vida.<sup>64</sup>

Esta noção de que a mulher é o reflexo da sociedade está também presente no relato da revista *A Farça* sobre o julgamento de madame Steinheil, em Paris (1909). Acusada do assassinio do seu marido e da sua mãe, e com uma vida pautada por infidelidades e jogos de sedução, madame Steinheil é apresentada no artigo como um exemplo do mundanismo da cidade e dos seus excessos.<sup>65</sup> A revista ilustra o artigo com uma caricatura da protagonista em que se salienta o seu gosto pela aparência, pela vida fútil e pelos homens.

As funções femininas, nomeadamente a maternidade e o papel educador da mulher, também são alvo de comentário, tanto num sentido de crítica à má atuação feminina como de alerta para a sua verdadeira missão. O jornal *Terra Livre* dedica um artigo, precisamente, ao papel importante da mulher como educadora, o qual poderá ser fundamental para mudar a mentalidade belicista masculina e o «flagelo do militarismo».<sup>66</sup> São as mulheres quem deve

---

64 “Mulheres e romances”: *Risos Lisos* 17.05.1897, p. 32.

65 *A Farça*, 20.12.1909, pp. ii-iii.

66 *Terra Livre*, 20.03.1913, p. 4.

conduzir à paz, não através de ligas ou de associações de apoio, mas como mães, já que «os homens são, em toda a parte, aquilo que as mães fizeram deles» e «desde as fêmeas das cavernas às senhorinhas e às radiosas senhoras do concurso hípico, a mulher tem a maior responsabilidade na cabotinagem guerreira dos machos».67 Como complemento ao texto, é apresentada uma pequena nota sobre o amor livre, entendido como um sinal de modernidade. Na perspectiva deste periódico, o feminismo associado à burguesia não é mais que uma pseudoconquista de direitos políticos.

Os artigos sobre os atributos psicológicos e as qualidades femininas, que condicionam e definem todo o comportamento da mulher, expressam preocupações profundas com a educação, que consideram ser responsável, em boa parte, pela sua forma de ser. A crítica apresentada pelo *Jornal das Damas* às lacunas na formação e na instrução das mulheres, que fazem delas perfeitas ignorantes e inúteis, apenas preocupadas em saber estar socialmente, em saber dançar e tendo como único objetivo o casamento, revela uma apreciação pouco benévola sobre as capacidades e intenções femininas. Tal como o jornal *Terra Livre* evocará anos mais tarde, também este periódico alerta para a necessidade de haver uma preocupação com a formação da mulher por parte dos educadores, tendo em conta que é ela quem educa as crianças.68

O discurso vigente que a imprensa apresenta assenta, portanto, numa necessidade de educação adequada, mas também de controlo constante sobre as mulheres e a sua vida, como forma de garantir que cumprem devidamente a sua importante função no seio da família. Trata-se de um discurso que se baseia na noção da propensão da mulher para o desregramento e as suas limitações, que são fruto da sua inferioridade física e psicológica. A necessidade de

---

67 *Terra Livre*, 20.03.1913, p. 4.

68 *Jornal das Damas*, 15.02.1894, p. 25.



vigilância, mas também de lhe conferir maior formação são os meios considerados certos para que a mulher possa fazer face aos desafios e aos perigos que a sociedade dos alvares do século XX apresenta.

#### **4.1.2. Os artigos humorísticos e de crítica satírica ao universo feminino**

O discurso humorístico na imprensa assume diferentes formas com o objetivo comum de criticar e satirizar um determinado facto ou uma personagem. Neste universo podem incluir-se as pequenas notícias que deixam a curiosidade no ar ou que revelam parte de uma questão, expressando-se de modo cifrado e indireto. Constata-se esta situação, por exemplo, nos artigos sobre a família real e a vida pessoal do rei D. Manuel, nos anos que se seguem à implantação da República.<sup>69</sup> Os comentários denunciam a imagem de um governante frágil e imaturo, o que faz dele um alvo fácil e revela uma figura que se deixa dominar, até pela esposa. Questiona-se o seu poder e masculinidade, ao mesmo tempo que se passa uma imagem de uma esposa controladora e de difícil trato.

Para além do comentário indireto, a sátira pode surgir sob a forma de citações como a publicada em *Charivari* sobre «as lágrimas nas mulheres (que) são, em muitos casos, um meio como qualquer outro de lavar os olhos»,<sup>70</sup> insinuando-se assim a frieza e a falta de sentimento femininas associadas a uma natureza dissimulada que desvaloriza o ato e o significado do chorar.

São também comuns as piadas e as anedotas, estas últimas, frequentemente sob a forma de um diálogo, como o demonstra a conversa entre duas amigas sobre as eleições e a intenção de voto do esposo de uma delas, que espelha a constante rotatividade na

---

69 *O Zé*, 18.12.1813, p. 6.

70 *Charivari*, 20.08.1898, p. 310.

governança e, indiretamente, os comportamentos da intimidade do casal.<sup>71</sup>

Os textos em verso que narram uma história são outro dos mecanismos usados pela sátira. Exemplifica-o *Poesia sem poesia*, publicada em *O Zé* sobre a falta de cuidados de higiene da mulher: «Minha grande porcalhona, / (...) Não sejas desmaselada; / Lava a roupa, cata os bichos / D'essa trunfa emaranhada.»<sup>72</sup>

A falta de higiene evocada no poema evidencia o caráter descuidado da mulher que não sabe cuidar devidamente de si e da família. Além disso, enuncia aquela que é uma das preocupações principais da sociedade da época: os cuidados de asseio e a salubridade, tanto pública como a nível individual, com o intuito de «prevenir doenças e conservar a saúde».<sup>73</sup>

O desenvolvimento de estudos e de métodos de análise laboratorial reforçam esta necessidade de garantir o bem-estar individual e coletivo. Isto torna premente a preocupação — face à sociedade no geral e à mulher em particular, enquanto educadora e gestora do lar —, na melhoria das condições de saúde e na implementação do hábito diário da lavagem do corpo. Neste contexto, é reprovado o desmazelo feminino, tal como descrito nos versos, e justifica-se a relevância da difusão de publicações como *A mulher médica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*, de Anna Fischer-Duckelman.<sup>74</sup>

Em prosa são publicados contos e pequenas histórias que evidenciam os defeitos femininos e relatam a relação entre casais.

---

71 *O Gaiato*, 06.11.1898, p. 1.

72 *O Zé*, 17.07.1913, p. 3.

73 Ana Leonor PEREIRA e João Rui PITA, “A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011, p. 92.

74 Anna FISCHER-DUCKELMAN, *A mulher médica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*. Lisboa, Bertrand, 1907.

É esse o caso do conto em tom humorístico sobre adultério feminino intitulado “A Prova”. Simeão, o marido, vai desconfiando, cada vez mais, da esposa e do seu primo, que surge em todo o lado em que ela está. Para fazer prova da traição compra uma câmara fotográfica Kodak e fotografa-os em flagrante. A imagem irá ser apresentada como prova do pedido de divórcio em tribunal.<sup>75</sup> Para além da comum menção à infidelidade feminina, a história evoca um dos avanços tecnológicos em voga na época como um mecanismo muito útil para comprovar o adultério.

Um outro artigo com o título “Às mulheres” é dedicado ao uso inadequado dos chapéus femininos, cujas dimensões os transformam num «adorno gigantesco que pousa nas estonteantes cabeças das mulheres *chics*». Mais do que os incómodos que causam aos que «por infelicidade não ficam à vossa frente» (em particular nos teatros), os exagerados chapéus são um verdadeiro «pesadelo na cabeça, talqualmente, como se estivésseis aguentando, em difícil equilíbrio, uma santa canastrinha d’ovos».<sup>76</sup>

A limitada representatividade de artigos humorísticos sobre o ser feminino na imprensa de natureza política,<sup>77</sup> num total de cinco notícias, justifica-se pelo facto de o seu alvo de interesse editorial se centrar nos assuntos da vida partidária e de governação de Portugal, a qual, nos 30 anos investigados, sofreu grandes mutações e foi palco de numerosos episódios que preencheram as páginas dos jornais e das revistas. Aliás, parte considerável da imprensa humorística da época está, precisamente, vocacionada para a sátira política, confirmando

---

75 “A Prova”, in *O Moscardo*, 10.06.1913, p. 3.

76 “Às mulheres”: *O Diabo Júnior*, 01.02.1902, p. 5.

77 Os artigos provenientes da imprensa política resultam da consulta dos periódicos: *O Povo de Aveiro* (1889-1890); *A Marselheza* (1898); *O Radical* (1907); *Meio dia* (1907-1908); *O Democrata* (1908); *Almanach d’O Mundo* (1908-1909); *Amanhã* (1909); *Nova Lucta* (1909) e *O Rebate* (1909).

a profusão de assuntos e a riqueza de acontecimentos que alimentam a sua publicação e a proliferação de títulos. Neste contexto, as referências ao universo feminino prendem-se, em especial, com questões relacionadas com as atitudes e comportamentos.

As alusões diretas ao universo feminino na imprensa de cariz político surgem sobre a forma de pequenas anedotas e de histórias que, em geral, realçam os atributos e atitudes da mulher ou que envolvem o relacionamento entre cônjuges. Disso é exemplo o artigo publicado na rubrica “A rir”, do periódico *Povo de Aveiro*,<sup>78</sup> em que o poder masculino se faz sentir pela força:

O homem só deve bater em sua mulher duas vezes.

A primeira por fôrma a que Nosso Senhor lhe venha fazer uma visita, e a segunda por fôrma que ella vá pagar a visita a Nosso Senhor.

Se por um lado o texto mostra a superioridade do marido sobre a esposa e a necessária submissão desta, por outro traduz a violência no relacionamento e na gestão do lar, o que não abona em favor da imagem dos homens.

Os artigos provenientes da imprensa feminina,<sup>79</sup> tal como os da restante imprensa, focam-se nas atitudes femininas e nos seus comportamentos, seguindo-se os assuntos relacionados com os atributos físicos e os ideais de beleza feminina para sua satisfação e para agradar aos homens. “Onde irá isto parar?” é o título de umas quadras que abordam os subterfúgios femininos para realçar

---

78 “A rir”: *O Povo de Aveiro*, 22.12.1889, p. 3.

79 Os artigos em questão foram obtidos em: *Jornal das Damas* (1894), *Estação de Paris* (1895), *Livro da Mulher* (1900), *Almanaque das Donas de Casa* (1908) e *Jornal da Mulher* (1910).

os seus dotes físicos e enganar os olhos masculinos,<sup>80</sup> destacando o seu espírito fútil e interesseiro.

O ambiente de vida doméstica burguesa e da ambição feminina é, também, assunto privilegiado em outras revistas femininas. *O Jornal das Damas*, por exemplo, aborda o relacionamento entre a criada e a patroa, expressando a ignorância e a falta de educação da serviçal.<sup>81</sup> Da mesma forma revela a intimidade entre um casal<sup>82</sup> e mostra a audácia feminina na escolha do esposo, espelhando a ideia do casamento por interesse e não por sentimento: «(...) — Porque tive de optar entre um homem grande com pequeno rendimento, e um homem pequeno com rendimento grande».<sup>83</sup>

De referir que é notório um crescente número de artigos a partir de 1895, quando comparado com os valores da década anterior. É fruto da maior visibilidade feminina e da discussão em torno das novas funções e das expectativas das mulheres numa mais completa cidadania feminina, que se promovem com os alvares do século XX e com a afirmação dos movimentos feministas, alargando o leque de assuntos relacionados com a vida e a conduta das mulheres. Contudo, grande parte dos artigos não foca, diretamente, o feminismo como assunto, o qual representa apenas 3,98% do total e se concentra, maioritariamente, no período entre 1905 e 1914. Antes sim, verifica-se o conservar da tendência geral para realçar as atitudes e os comportamentos das mulheres (193 artigos), a par com os seus atributos psicológicos, que influenciam, modelam e condicionam a sua atuação (105 artigos). Uma anedota que o *Almanach illustrado* do jornal *A Chacota* publica, em 1902, vive da caricatura da mulher imoderada e irrefletida, que não consegue controlar os seus desejos:

---

80 “Onde irá isto parar?»: *A Chalaça*, 13.11.1904, p. 2.

81 *Jornal das Damas*, 01.02.1894, p. 24.

82 *Jornal das Damas*, 15.02.1894, p. 32.

83 *Jornal das Damas*, 07.04.1894, p. 56.

é uma consumidora compulsiva, que não resiste a vestuário novo, o que a leva a gastar excessivamente e a ter as modistas a exigir o pagamento.<sup>84</sup>

A transversalidade do humorismo às diferentes tipologias de imprensa reflete a consciência do papel do riso na veiculação de ideias e na abordagem de assuntos com impacto na sociedade, como o é o mundo feminino. A tabela seguinte mostra as diferentes abordagens:

	Forma da crítica	Objetivo e conteúdo	Alvos e motivos da crítica
Subtil	Brincadeira e gozo Comentário simplista e ingênuo Atrevimento	Realçar os temas em voga no momento; Defender normas instituídas; Evidenciar os defeitos e imperfeições femininos;	O arquétipo da mulher ideal é inatingível por oposição à mulher real, imperfeita por natureza (realce das suas falhas e defeitos); O impacto das lacunas da educação no desempenho feminino; As novas funções femininas; Atitudes femininas inadequadas (interesseira, calculista, infiel, frágil, fútil, maquiavélica, com pouca inteligência).
Acutilante	Reprovação Corrosividade Acusação	Defender as normas instituídas; Manter a ordem social; Promover uma autoanálise da sociedade; Gerar a controvérsia e a polémica; Alertar para as atitudes que fogem ao paradigma do feminino.	As ambições “modernas” da mulher que pretende desempenhar profissões masculinas e deter os mesmos direitos; O incumprimento da tripla missão feminina: mãe, esposa e dona de casa; A fraqueza feminina perante a influência dos poderes instituídos: Igreja; Uma educação desajustada dos papéis femininos; As atitudes femininas inadequadas ao género.

Fonte | Listagem de imprensa consultada (1885-1914)

84 *Almanach Illustrado do jornal A Chacota*, 1902, p. 53.

### 4.1.3. A caricatura

A caricatura explora a linguagem visual como veículo privilegiado de transmissão de uma ideia ou informação. Articula a imagem e o texto, gerando mecanismos de discurso para acentuar o lado incorreto ou satírico da realidade representada, por vezes levado ao extremo com expressões do ridículo e da negação. Com o título “A Duse”, alusivo à atriz italiana Eleonora Duse (1858-1924), conhecida por toda a Europa e que também atuou em Portugal, o jornal *A Marselbeza* traduz sob a forma de uma sequência de figuras espiraladas, em jeito de uma mola que salta e se contorce, a vivacidade da artista nas suas atuações<sup>85</sup>. Uma das características que se lhe reconhecia era, precisamente, a sua capacidade para, através do gesto, dos movimentos corporais e das expressões, transmitir sensações e estados de espírito que conferiam grande carga dramática e intensidade às suas personagens.

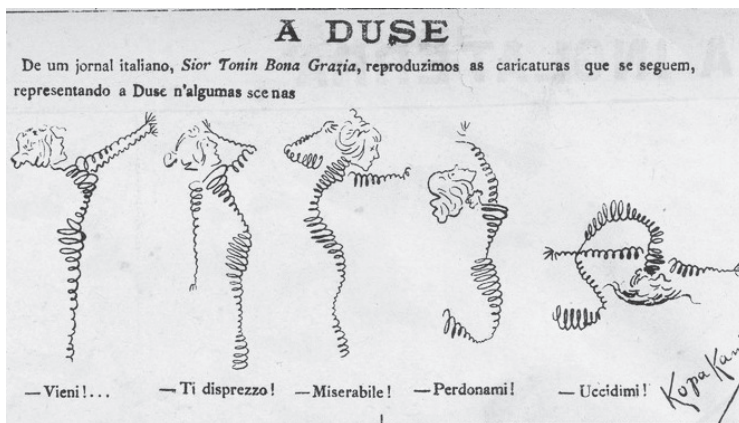


Fig. 1. Caricatura sobre a artista italiana Duse, famosa pela intensidade e vigor das suas representações

(*A Marselbeza*, 01.05.1898: 4 | <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>)

<sup>85</sup> “A Duse”: *A Marselbeza*, 01.05.1898, p. 4.

A imagem pode, ainda, desconstruir a própria mensagem se induzir num sentido inverso ao do texto, pelo que o significado sociocultural pode contradizer ou corroborar as expressões e conteúdos da cena caricaturada. Sob o título de “O «Garden-Party» da Estrella”, a revista *A Sátira* aborda a questão das assimetrias sociais personificadas numa mulher sem grandes recursos e pobremente vestida, que caminha com duas crianças e que responde à questão «— Você não vae ao garden-party?» com um «Não tenho vontade. Almocei tarde [...]».<sup>86</sup> Também o tríptico de caricaturas que o jornal *Terra Livre* apresenta sobre o tema “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”, no que respeita à condição feminina, mostra uma situação em que o discurso escrito é contrariado pelo discurso gráfico, detendo este último uma maior presença no sentido de criticar e de emitir uma posição de contestação e de confronto entre um conceito teórico e a sua expressão vivencial.<sup>87</sup> Evidencia o distanciamento entre o ideal e a realidade social feminina, onde a profunda diferença social marca a desigualdade na qualidade de vida, assim como transforma a mulher em escrava, acorrentada ao lar e às tarefas femininas. Indiretamente questiona o regime republicano incapaz de concretizar os ideais pelos quais pautou a sua orientação ideológica.<sup>88</sup>

Neste sentido, poderá referir-se que a imagem e a ideia que ela transmite correspondem a um paradigma social vigente e aceite ou, numa perspetiva oposta, a um modelo reprovado e criticado. A imagem ajuda a criar ou a reforçar os estereótipos sociais, traduzindo o conceito e o contexto histórico dos mesmos,<sup>89</sup> uma vez que os estereótipos circulam e difundem-se de forma privilegiada

---

86 “O «Garden-Party» da Estrella”: *A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, 01.06.1911, p. 33.

87 “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”: *Terra Livre*, 05.06.1913, pp. 4-5.

88 João ESTEVES, *As origens do sufragismo português*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998, p. 62.

89 L. M. ABREU, “Os estereótipos na prática...”, op. cit., p. 71.



através da representação gráfica. Sob a forma de um desenho ou de uma caricatura, a imagem resulta numa construção influenciada pela conduta, pelos valores, e pelas emoções de quem a produz. Deste modo, a leitura da imagem pelos diferentes recetores poderá não corresponder a uma mesma ideia. Como refere o periódico *A Carantonha* no editorial do seu primeiro número, em 1899: «(...) A caricatura é, positivamente, de todos os processos de critica estabelecidos e seguidos até hoje, o que resultados melhores tem dado no sentido da correção dos costumes».<sup>90</sup>

Com a entrada no século XX, e face a novos valores estéticos, os caricaturistas tornam-se, principalmente, em humoristas, refletindo uma maior abrangência da sua área de atuação. O seu alvo deixa de estar centralizado na luta política e estende-se a outras abordagens com um cunho eminentemente social, visando perscrutar a sociedade, as suas práticas quotidianas, os seus valores, normas e costumes.<sup>91</sup> A caricatura assume, assim, um papel relevante no discurso da norma social. Como refere a revista *A Sátira* em artigo dedicado à criação da Sociedade de Humoristas Portugueses, em 1911, a caricatura «é o fiscal da virtude contra o vicio, do mérito contra o cretinismo, do bom senso contra o ridículo (...)».<sup>92</sup> É neste universo que, a partir de 1900, o volume de caricaturas e do humor sobre a vida feminina ganha maior expressão.

A inclusão maioritária da caricatura sobre a vida feminina surge, naturalmente, na imprensa de cariz humorístico, correspondendo a 114 das 130 caricaturas registadas. Em segundo lugar, a caricatura

---

90 *A Carantonha*, 29.07.1899, p. 2.

91 Apesar desta constatação, que revela um alargamento do espetro das temáticas caricaturáveis com o início do século XX, há que ter em consideração o papel das publicações humorísticas de Rafael Bordalo Pinheiro, ainda nos finais do século XIX, na difusão de ideias e de normas sobre as vivências e a sociabilidade portuguesa. Artigos e mensagens caricaturadas sobre espetáculos, hábitos sociais do quotidiano e personalidades femininas são frequentes nas páginas dessas publicações, a par com a crítica política.

92 *A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, 01.06.1911, p. 46.

está presente nos periódicos de âmbito social (nove caricaturas), seguindo-se a imprensa de natureza política, com seis caricaturas.

A imprensa religiosa não inclui a caricatura como meio de difusão de ideias, tal como já se verificara na análise dos artigos humorísticos. Também a imprensa dedicada à ciência e à arte não inclui caricaturas sobre a vida feminina nas publicações consultadas. Esta aceção deve, no entanto, ser avaliada, tendo presente o facto de a arte de caricaturar constituir uma forma de manifestação artística em voga e de os caricaturistas, ou humoristas, serem vistos como figuras de relevo no meio artístico e na comunicação social da época. A constituição da associação de humoristas, em 1911, e a realização dos Salões de Humoristas Portugueses, a partir de 1912, numa expressão da difusão do gosto modernista em Portugal, confirmam a projecção que a crítica gráfica detém enquanto veiculadora de discursos e forma de expressão artística. Aliás, tomando como referência o catálogo da exposição de 1912, realizada no Grémio Literário de Lisboa, constata-se que os temas femininos não são excluídos da caricatura, ainda que sejam apenas passíveis de identificar através dos títulos das obras apresentadas no catálogo.<sup>93</sup>

Das cerca de 330 obras listadas no referido catálogo, 25 dos títulos apresentam de forma explícita referências à mulher e às suas vivências. Refira-se, por exemplo, as caricaturas das atrizes Palmira Bastos, Lucília Simões e Adelina Abranches, da autoria de Amarelhe, ou a obras “Mulheres de Lisboa”, de Alfredo Cândido, “A Hespanhola” e “A Severa”, de Nunes Ribeiro ou “Entre costureiras”, de Stuart Carvalhais.

---

<sup>93</sup> O *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, de 1912, em Lisboa, identifica apenas os artistas, ordenados alfabeticamente, e os títulos das suas obras, bem como o valor de venda de cada uma delas. Nenhuma das caricaturas é reproduzida, pelo que a inferência quanto aos assuntos advém dos títulos. *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, Lisboa, 1912.

Para além destas obras que identificam, diretamente, personalidades e tipos femininos, as restantes apresentam assuntos que reportam às atitudes frívolas femininas, ao seu gosto pelas modas, ao desejo de estar na rua, à sua vida doméstica e às relações familiares. É ainda feita referência à sua tendência para a infidelidade e para ter vários homens. Os exemplos são vários, como “Uma inglesa excursionista”, de Sanches de Castro, “O Marido Ideal”, de Rocha Vieira, “Lidar com Mulheres”, de Christiano Cruz, “Olhando uma rival” e “Coquetismo”, de Faria e Maya, ou “Sogra de cabelinho” e “Os Jantares da cachopa”, de Alfredo Cândido.

Outras 25 caricaturas aludem, também, ao mundo feminino, ainda que de um modo ambíguo, o que exige alguma prudência de análise, uma vez que as obras enunciadas podem, na realidade, corresponder a temas distintos: “Em família”, de Oliveira, “Amor a valer”, de Rocha Vieira, “À saída do baile”, “Moda Italiana” e “Casal de peruas”, de Almada Negreiros, “Um casamento auspicioso”, de Menezes Ferreira, “Flirt”, “Passeiando o cão” e “Passeiando de braço”, de Faria e Maya, “Regime alimentar (A dieta)” e “No Loreto, sahida da missa da uma hora”, de Jorge Barradas ou “Leitura proibida”, “Uma família portuguesa”, “Geração moderna” e “Elegância e economia”, de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Esta última caricatura, também intitulada “As calças do papá”, ilustra o artigo que a revista *Ilustração Portuguesa* dedica ao evento.<sup>94</sup>

Parte das obras apresentadas no salão por Jorge Nicholson Barradas é complementada com diálogos em que a figura feminina é um dos intervenientes. Tratar-se-á de caricaturas que associam a imagem ao texto e que espelham uma das formas comuns de

---

<sup>94</sup> *Ilustração Portuguesa*, 01.01.1912, p. 648.

satirizar as relações sociais e de caracterizar os géneros. Veja-se um exemplo revelador da leviandade feminina:<sup>95</sup>

- Também, nunca tive ninguém que gostasse de mim...
- Ora pois sim, já tiveste o Sousa, o Mota, o Costa...
- E agora, nem os três tenho...

Na imprensa feminina, a representatividade da caricatura entre os periódicos consultados tem carácter pontual. O artigo com o título “Os chapéus maravilhosos de 1908. Phantasias americanas por Gordon Grant” surge publicado na revista *Os Serões das Senhoras* e explora, uma vez mais, os incómodos causados pelo uso dos grandes chapéus que estão na moda. Os comentários que acompanham cada um dos modelos reforçam a crítica e a sátira à situação.<sup>96</sup>

A presença residual de caricaturas na imprensa feminina faz antever que este é um domínio essencialmente masculino de abordagem das questões sociais e que a mulher não se revê nas representações caricaturais que dela são feitas. O facto de os caricaturistas serem, por norma, homens ajudará também a compreender a questão. Tomando como referência os participantes nos salões de humoristas, esse domínio comprova-se, uma vez que, na sua primeira edição, em 1912, os 27 artistas presentes são todos homens. Na edição do ano seguinte assiste-se, contudo, a uma participação feminina com a artista Mily Possoz (1888-1968), a qual sendo uma ilustradora por natureza, fez, pontualmente, algumas incursões no universo do humorismo gráfico.<sup>97</sup>

---

95 *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, 1912, p. 5.

96 “Os chapéus maravilhosos de 1908. Phantasias americanas por Gordon Grant”: *Os Serões das Senhoras*, 1908, pp. 44-45.

97 Maria Pilar Antunes MENDES, *Mily Possoz 1888-1968: Percurso e afirmação de uma artista no modernismo português*, vol. 1. Lisboa, (s.n.), 2010, p. 2.

Em termos temporais, a distribuição das caricaturas mantém grande constância ao longo do período estudado, à exceção do quinquênio de 1885 a 1889, no qual não foram identificados exemplares entre as edições consultadas, uma vez que as várias alusões à figura de *Maria da Paciência* que Rafael Bordalo Pinheiro apresenta em *António Maria*, neste período, surgem como pormenores decorativos que complementam as suas caricaturas.

A distribuição dos artigos por temáticas revela o interesse acentuado nas atitudes e nos comportamentos femininos (60 caricaturas), em consonância com o registado nos artigos humorísticos e sobre a condição feminina. As principais temáticas prendem-se com a relação entre marido e mulher, em especial no que respeita à infidelidade e ao divórcio, as relações pré-nupciais e ilegítimas, bem como com os receios de inversão dos papéis de género; a par com a ambição feminina pelos bens materiais, que a levam a procurar e a seduzir um pretendente endinheirado;<sup>98</sup> ou sobre a sua vida mundana e que se desvia da sua missão enquanto mulher.

A grande proximidade entre a Igreja e a mulher é outro dos assuntos frequentes nas caricaturas sobre os comportamentos femininos. Os anos imediatos à implantação da República registam o maior número de artigos, como se verifica em *A Sátira*, onde as caricaturas registadas sobre a relação entre a mulher e a Igreja se centram, em particular, na sua intimidade com os padres e os religiosos. A edição de 11 de fevereiro de 1911 dedica três caricaturas ao assunto: “Um casamento de sachristia”;

---

98 A caricatura intitulada “Novembro”, que *Pontos nos ii* publica (20.11.1890, p. 274), mostra a ambição feminina e o seu desejo de encontrar um marido que a sustente:

Elle: procuras então uma casa?

Ella: Não meu amigo. Francamente, francamente o que eu procuro é um senhorio.

“Casamento dos Padres”; “Surpresas do divórcio. A minha mulher noiva d’outro”.<sup>99</sup>

Na caricatura “São mais as vozes...”, publicada em *A Farça*, o tema volta a ser abordado, surgindo uma mulher elegante e moderna acompanhada por um religioso, apesar do que se diz sobre a crescente emancipação e fuga da mulher aos preceitos católicos.<sup>100</sup> Já na caricatura “Jejum” aborda-se o relacionamento entre um pároco e a sua criada de casa que induz grande intimidade entre os dois.<sup>101</sup>

Justificam esta realidade os receios republicanos sobre a nefasta influência que os religiosos detêm sobre a frágil consciência e a conduta femininas, em particular perante os perigos resultantes da confissão auricular e do fanatismo. O assunto, alvo de debate acalorado da opinião pública e no meio político, será um dos fundamentos da não concessão do direito de voto às mulheres, mesmo que restrito às diplomadas.<sup>102</sup>

No segundo lugar, entre os temas abordados na caricatura, surgem os atributos físicos femininos, a que correspondem 36 caricaturas. A relevância dada ao tema representa uma particularidade da crítica ao feminino através da caricatura, uma vez que nas restantes tipologias de artigos, esta temática detém menor representatividade. Através do desenho e do traço, mais ou menos exagerado, expressam-se ideias e, neste âmbito, os pormenores físicos são um elemento fundamental que permite leituras imediatas. Por isso, no discurso antifeminino revela-se eficaz apresentar um corpo feminino exagerado em termos gráficos, de modo a focar atributos como o peito, o rosto e os cabelos ou a elegância corporal. Exemplifica-o a caricatura “Nos toucadores” que *A Comédia Portuguesa* publica, em 1902,

---

99 “Um casamento de sachristia”; “Casamento dos Padres”; “Surpresas do divórcio. Minha mulher noiva d’outro!!!”: *A Sátira*, 11.02.1911, pp. 6, 10 e 26.

100 “São mais as vozes...”: *A Farça*, 20.12.1909, contracapa.

101 “Jejum”: *A Farça*, 13.03.1910, capa.

102 J. ESTEVES, *As origens do sufragismo...*, op. cit., pp. 68 e 74.

a satirizar o uso de cabeleiras postiças.<sup>103</sup> Para além da carga satírica do desenho, esta caricatura enuncia uma questão vital para o universo feminino: a busca da vitalidade e da jovialidade e as estratégias de combate aos sinais do envelhecimento.

As caricaturas sobre as funções femininas e o desempenho de profissões detêm o terceiro lugar, representando 18 caricaturas. Correspondem, em regra, a referências a atrizes e aos dotes artísticos femininos, como mostra a caricatura “Por esses salões”.<sup>104</sup> Exibe uma senhora que anima, com os seus dotes vocais, o salão. A seleção dos convidados e a presença de figuras de relevo social faziam destes eventos, como refere Rui Cascão, «uma vertente importante da vida privada em espaço público».<sup>105</sup>

As novas profissões da mulher são também motivo de discussão. É esse o caso da caricatura sobre as bombeiras inglesas ou sobre uma mulher toureira espanhola que dá pelo nome de “Reverte” e que a revista *A Comédia Portuguesa* publica.<sup>106</sup>

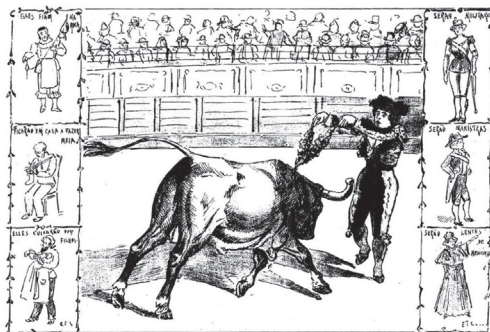


Fig. 2. “D. Reverte, a toureira”. Caricatura sobre a inversão dos papéis de género (*A Comédia Portuguesa*, 16.06.1902, (s.p.) | Disponível em <<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>)

103 “Nos toucadores”: *A Comédia Portuguesa*, 25.02.1902, p. 29.

104 “Por esses salões”: *A Comédia Portuguesa*, 10.03.1902, p. 13.

105 R. CASCÃO, “O quadro doméstico...”, op. cit., p. 247.

106 “A Reverte”: *A Comédia Portuguesa*, 28.07.1902, p. 27 e 16.06.1902, (s.p.).

Tal como no caso das mulheres bombeiras, o periódico dedicou um poema e uma caricatura à toureira “Reverte”, mas, neste assunto, o discurso assume-se mais ativo quanto à necessidade de os homens se precaverem perante a crescente conquista feminina de novas funções e profissões na vida militar, da política e do ensino superior relacionado com as ciências (medicina), que os levarão a ficar em casa a fiar, a coser meias e a tomar conta dos filhos.

O despertar para novas funções entendidas como formas de emancipação e resultados da influência das ideias feministas articula-se, aliás, com a temática do feminismo. Por esse facto, da mesma forma que os registos sobre as novas funções femininas se concentram no período compreendido entre 1905 e 1914, o mesmo sucede com as caricaturas sobre o feminismo. O uso de vestuário masculino (as calças) ou o sair para trabalhar, deixando o marido em casa a cuidar dos filhos e a cozinhar são os principais exemplos. Essa realidade é mostrada na caricatura “Ingenuidade” que materializa, nas dúvidas e incompreensões de uma criança, a sensível questão social sobre os novos comportamentos da mulher. Como se depreende da caricatura, o tema da inversão de papéis é de tal modo incongruente que até a uma criança suscita dúvidas e perguntas:<sup>107</sup>

- Oh! Mamã, o papá hoje sae com as saias da mamã?
- Porque é que o menino pergunta isso?
- Porque a vejo com as calças do papá...



Fig. 3. “Ingenuidade”. Caricatura alusiva a novos comportamentos da mulher  
(*A Sátira*, 01.05.1911, p. 25 | Disponível em <<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>)

107 “Ingenuidade”: *A Sátira*, 01.05.1911, p. 25.



A expressão das diferentes temáticas por quinquénio torna evidente a prevalência das atitudes e dos atributos físicos como assuntos com maior representatividade na caricatura. Esta aceção permite concluir que, mais do que as *modernidades* e os temas com projeção social num determinado momento, como é o caso do feminismo e da emancipação feminina, é sobre as características intrínsecas à mulher que incide a crítica. O comentário recai, maioritariamente, sobre a mulher em si, ou seja, sobre os seus atributos e qualidades, os quais vão delinear os seus comportamentos e atitudes, e não tanto sobre os factos resultantes das mutações políticas e sociais registadas num período específico. Esta sua essência que pode recair numa ideia de maldade inata é bem representada pela caricatura de um demónio a «criar» as mulheres apresentada na revista *Ilustração Portuguesa* (Fig. 4).



Fig. 4. “O Diabo a pintar as mulheres para seduzirem”.  
(*Ilustração Portuguesa*, 01.09.1913, p. 271 | <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>)

Os resultados referentes à temática generalista “Outros”, com um total de 5 caricaturas, correspondem à abordagem de assuntos da vida quotidiana, em particular sobre a diversão e o mundo do espetáculo, e que não se enquadram nas temáticas anteriores, registando-se uma maior incidência desta temática no quinquénio

1910-1914. Exemplificam essa realidade a caricatura “Batota livre” sobre os perigos dos jogos de fortuna e azar<sup>108</sup> ou o artigo sobre a “Exposição Nacional de Belas Artes”, em 1911<sup>109</sup> e o artigo sobre a “Exposição dos Humoristas Portugueses”, em 1913.<sup>110</sup> É neste capítulo que se enquadram as críticas à condição masculina.

## Conclusão

O antifeminismo, enquanto conceito e prática social adversa à mulher, nas suas diferentes vertentes, insere-se neste jogo de identidades e de manifestações em torno das imagens e da realidade do universo feminino, num determinado momento. Por este facto, não pode ser reduzido ao seu significado restrito, enquanto opositor do feminismo e das ideias feministas, mas, pelo contrário, englobar os discursos e as imagens negativas, de censura e reparo, sobre o género feminino e sobre a sua forma de ser e agir, as quais se fundam na tradição cultural e nas regras assentes pelos grupos dominantes. Mais do que antifeminismo devem, assim, considerar-se as reações e as linhas de pensamento antifemininas.

O peso da tradição cultural que apresenta a mulher como o ser imperfeito e intelectualmente inferior, incapaz de desempenhar funções complexas e que impliquem engenho e arte, e que, simultaneamente, se revela maléfico e astucioso, justifica, à partida, a dificuldade feminina em cumprir a norma, e a necessidade de ser constantemente controlada. Se a religião, ao longo do tempo, contribuiu para consolidar esses preconceitos e estereótipos invocando, a exemplo da Virgem Maria, a dedicação quase sacerdotal à família e a submissão ao poder masculino, no século XIX e início do século XX, a ciência procura, com alguma frequência,

---

108 “Batota livre”: *Charivari*, 26.11.1898, pp. 36-37.

109 “Exposição Nacional de Belas Artes”: *A Sátira*, 01.06.1911, pp. 18-24.

110 “Exposição dos Humoristas Portugueses”: *O Moscardo*, 17.06.1913, p. 6.

consubstanciá-los, explicando por métodos científicos o determinismo biológico e a limitada condição física e intelectual feminina.

Perante esta diversidade de motivos para a contestação à mulher é possível encontrar duas formas de manifestação do antifeminismo. Em primeiro lugar, um antifeminismo *subconsciente e assentido*, isto é, que deriva das imagens dos géneros que resultam do perdurar das tradições culturais e dos costumes. Integram-se neste pressuposto os tipos femininos como a burguesa elegante e fútil, que nada sabe fazer para além de se enfeitar e gastar os rendimentos da família. De igual modo, a representação quase “animalesca” da mulher, impregnada de vícios da sociedade, enquadra-se neste grupo, bem como outras representações fundadas na sua atitude leviana, no intelecto limitado e na obsessão com a beleza, como isco de atração masculina. Sobressaem, portanto, o lado demoníaco e a inata imperfeição da mulher. As consequências desta maneira de estar e viver têm, no entanto, um âmbito circunscrito, uma vez que recaem sobre a própria mulher e, quanto muito, sobre o seu círculo social de conhecimentos, em particular a família. Assim, esta configuração da mulher é o campo privilegiado para a abordagem humorística, quer sob a forma de texto, quer pela caricatura.

A segunda via corresponde a um antifeminismo *consciente* cujos conteúdos e, sobretudo, manifestações, têm um impacto profundo na sociedade no seu todo. O ataque aos novos papéis femininos e, conseqüentemente, a fuga à sua missão tradicional e natural é um dos temas principais. Trabalhar, ser independente, querer os mesmos direitos, estudar, refutar a condição de inferioridade física e intelectual ou ter vontade própria e desejar a emancipação enriquecem os assuntos abordados.

A representatividade dos artigos consultados com origem na imprensa especializada na área da ciência, da medicina em particular, ou da religião e da política é menos expressiva que a dos provenientes dos periódicos de cariz social e humorístico.

No entanto, não se pode dissociar dessa imprensa que aborda assuntos mundanos e satíricos as influências e os pressupostos que tanto a religião como a ciência lhe inculcem ao influenciar a vivência social.

A crítica humorística, aliás, detém uma função reguladora da moral e da norma, uma vez que sob o espectro do riso se debatem problemas e questões sensíveis. O riso permite, assim, lançar avisos e chamadas de atenção sobre um determinado tema, mostrando a sua importância e funcionando como um elemento de aferição para a realidade.

A visão de si e do outro e os meios para conseguir um bom relacionamento constituem a eterna disputa do género humano e são estes que fomentam os discursos com o sentido de definir e afirmar os territórios e os poderes. É esse o fundamento do antifeminismo que, consoante os dilemas e os problemas de cada época, se manifesta de forma diferente.

Reunindo toda a informação recolhida nos diferentes tipos de imprensa, a análise que deles resulta conduz, no entanto, a uma perceção parcelar da realidade. Por um lado, essa constatação deve-se ao facto de que, durante o século XIX e nos primeiros anos do século XX, os artigos publicados são resultado do punho masculino, mesmo que dedicados à mulher. Por outro lado, deve ter-se em conta que os periódicos representam um público-alvo específico associado a um estrato social burguês e que deixam à margem os iletrados e a sua construção mental sobre a mulher. Não obstante, é a imprensa que produz a imagem que melhor traduz a realidade, uma vez que, mais do que expressar pontos de vista de grupos sociais, resulta de visões individuais e subjetivas oriundas de setores distintos da sociedade. A sua crescente presença na vida social leva a imprensa a representar a sociedade de modo alargado.

## Referências bibliográficas

### 1. Imprensa Periódica

- A Carantonha*, Lisboa (1899)
- A Chacota. Semanário humorístico*, Lisboa (1900-1902)
- A Chalaça*, Lisboa (1904-1907)
- A Comédia Portuguesa*, Lisboa (1902)
- A Farça*, Coimbra (1909-1910)
- A Garra, suplemento de A Sátira*, Lisboa (1911)
- A Marselbeza*, Lisboa (1897-1899)
- A Mulber Livre*, Porto (1912)
- A rir... a rir*, Lisboa (1909)
- A Risota*, Lisboa (1908)
- A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, Lisboa (1911)
- Alma Feminina*, Lisboa (1907-1908)
- Almanach da Imaculada Conceição*, Lisboa (1904-1910)
- Almanaque das Donas de Casa*, Lisboa (1908)
- Almanach d'O Mundo*, Lisboa (1908-1909)
- Almanach Illustrado do Jornal A Chacota*, Lisboa (1902)
- Amanbã*, Lisboa (1909)
- Catalogo almanach da imprensa aveirense*, Aveiro (1884)
- Cbarivari*, Porto (1888-1907)
- Diabo júnior*, Porto (1902)
- Estação de Paris*, Lisboa (1895)
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa (1890; 1903-1914)
- Jornal da Mulber*, Lisboa (1910)
- Jornal das Damas*, Porto (1894)
- Jornal das Senhoras*, Lisboa (1896)
- Leituras Christãs*, Lisboa (1907-1914)
- Meio dia. Folha política, literária ilustrada e noticiosa*, Porto (1907-1908)
- Mensageiro de Maria*, Lisboa (1907-1909)
- Nova Lucta*, Porto (1909)
- O Amigo da Religião*, Lisboa (1907-1908)
- O António Maria*, Lisboa (1879-1898)
- O Democrata*, Aveiro (1908)
- O Gaiato*, Porto (1898)

*O Moscardo*, Lisboa (1913)  
*O Povo de Aveiro*, Aveiro (1889-1914)  
*O Rebate*, Tomar (1909)  
*Os Serões das Senhoras*, Lisboa (1908)  
*O Zé*, Lisboa (1910-1914)  
*Pontos nos ii*, Lisboa (1885-1891)  
*Radical*, Lisboa (1907)  
*Risos Lisos*, Coimbra (1897)  
*Terra livre*, Lisboa (1913)

## 2. Outras fontes

*Catalogo do Salão de Humoristas Portugueses*, Lisboa, 1912.

## 3. Bibliografia

- ABREU, Luís Machado de, “Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 71-79.
- BARD, Christine (coord.), *Un siècle d'antiféminisme*. Paris, Fayard, 1999.
- BOCK, Gisela, “História, História das Mulheres, História do Género”: *Penélope: revista de história e ciências sociais* 4 (1990), pp. 147-178.
- CASCÃO, Rui, “O quadro doméstico: «em família». Em casa. O quotidiano familiar”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011, pp. 222-252.
- DOWNS, Laura Lee, *Writing gender history*. London, Hodder Arnold, 2004.
- EPSTEIN, Anne, “Gender and the rise of the female expert during the Belle Époque”: *Histoire@Politique. Politique, culture, société* 14.2 (2011), pp. 84-96. Disponível em <<http://www.cairn.info/revue-histoire-politique-2011-2-page-84.htm>>. (Consultado em 18 de agosto 2011).
- ESTEVES, João, *As origens do sufragismo português*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998.
- FARAUT, Martine, “Women resisting the vote: a case of anti-feminism?": *Women's History Review* 12.4 (2003), pp. 605-621. DOI:10.1080/09612020300200376. (Consultado em 31 de maio de 2009).
- FISCHER-DUCKELMAN, Anna, *A mulher médica de sua casa*. Livro de higiene e medicina familiar. Lisboa, Bertrand, 1907.
- FLORES, Maria Bernardete, “O pensamento antifeminista. A querela dos sexos”: *Faces de Eva* 14 (2005), pp. 51-74.
- FRANCO, José Eduardo, “O mito da mulher em Vieira. Teologia, representação e profecia”, in Zília Osório de CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 39-70.

- GUIMARÃES, Maria Alice Pinto, *Saberes, modas e pó de arroz*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- MARQUES, Gabriela Mota, *Demónios aperfeiçoados. O antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914)*. Coimbra, (s.n.), 2013 (Tese de Doutoramento. Texto policopiado).
- MARUJO, António e FRANCO, José Eduardo (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.
- MATIAS, Fátima Rezende, “Estereótipos de género no imaginário infantil: a escolha de profissão”, in Anthony BARKER (coord.) *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 117-141.
- MAUGUE, Annelise, “A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise”, in George DUBY e Michelle PERROT (dirs.), *História das mulheres: o século XIX*, vol. 4. Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp. 581-601.
- MENDES, Maria Pilar Antunes, *Mily Possoz, 1888-1968: Percurso e afirmação de uma artista no Modernismo Português*, vol. 1. Lisboa, (s.n.), 2010 (Dissertação de mestrado. Texto policopiado).
- MORÃO, Paula, *Salomé e outros mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o Fim-de-Século e Orpheu*. Lisboa, Edições Cosmos, 2001.
- PASTEUR, Paul, “Le sèmeur, la semence et le fidèle combattant de l’avenir ou la masculinité dans la social-démocratie autrichienne (1888-1934)”: *Le Mouvement Social* 198 (2002), pp. 35-53. Disponível em <[http://www.cairn.info/article.php?ID\\_REVUE=LMS&ID\\_NUMPUBLIE=LMS\\_198&ID\\_ARTICLE=LMS\\_198\\_0035](http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=LMS&ID_NUMPUBLIE=LMS_198&ID_ARTICLE=LMS_198_0035)>. (Consultado em 1 de abril de 2009).
- PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, “A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.) *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011.
- PERROT, Michelle, *Les femmes ou les silences de L’Histoire*. Paris, Flammarion, 1998.
- , *Uma história das mulheres*. Porto, Edições ASA, 2007.
- PICKERING, Michael, “The inescapably social concept of stereotyping”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / the power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 21-32.
- PIMENTEL, Alberto, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Guimarães, Libanio & C.ia, 1900.
- RAMOS, Rui, “O Fim do século. A nação intelectual”, in José MATTOSO (dir.) e Rui RAMOS (coord.), *História de Portugal. A Segunda Fundação*, vol. 6. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 43-67.
- ROCHFORD, Florence, “L’antiféminisme : un nouveau champ de recherche”: *Vingtième Siècle. Revue d’histoire* 57 (1998), pp. 146-147. Disponível em <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs\\_0294-1759\\_1998\\_num\\_57\\_1\\_3724](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_1998_num_57_1_3724)>. (Consultado em 16 de agosto 2011).
- RODRIGUES, Manuel Augusto, “Prefácio”, in Jorge SEABRA, António Rafael AMARO e João Avelãs NUNES, *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*. Lisboa, Edições Colibri, 2000.

- THÉBAUD, Françoise, “Genre et Histoire”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 187-201.
- THÉRENTY, Marie-Ève, “Pour une histoire genrée des médias”: *Pathologies sociales de la communication* 15 (2009), pp. 247-260. DOI:10.4000/questionsdecommunication.577. (Consultado em 15 de outubro de 2012).
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel, “Produção e reprodução cultural”, in José MATTOSO (dir.), Luís Reis TORGAL e João ROQUE (coords.), *História de Portugal, O Liberalismo*, vol. 5. Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 685-696.
- VAQUINHAS, Irene, “História das mulheres e de género em Portugal: Horizontes temáticos e desafios atuais”: *Faces de Eva extra* (2019), pp. 37-56.
- , “Mulheres, economia e sociedade em Portugal na segunda metade do século XIX (1850-1900)”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 225-239.
- , *Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo. As mulheres portuguesas sob o olhar da História (séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- VICENTE, Ana, “Antifeminismo”, in António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.
- VOGEL, Christine, “Des Stéréotypes religieux à la pensée conspirationniste – l'exemple des jésuites”, in Anthony BARKER (Coord.) *O poder e a persistência dos estereótipos / the power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 51-69.
- WAGNER, Tamara, *Antifeminism and the Victorian novel: rereading nineteenth-century women writers*. New York, Cambria Press, 2009.
- WINOCK, Michel, *La Belle Époque: la France de 1900 à 1914*. (S.l.), Perrin, 2003